

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE TURISMO E HOTELARIA  
DEPARTAMENTO DE TURISMO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM HOTELARIA

CAMILA DE PAULA CUSSATE

**A HOSPITALIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EXPRESSA NAS OBRAS  
DE MACHADO DE ASSIS**

NITERÓI,  
2014

CAMILA DE PAULA CUSSATE

**A HOSPITALIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EXPRESSA NAS OBRAS  
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal  
Fluminense como requisito parcial de  
avaliação, para obtenção do grau de  
Tecnólogo em Hotelaria, sob orientação do  
Prof. D. Sc. Ari da Silva Fonseca Filho.

NITERÓI,

2014

**A HOSPITALIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EXPRESSA NAS OBRAS  
DE MACHADO DE ASSIS**

Por  
CAMILA DE PAULA CUSSATE  
BANCA EXAMINADORA

---

Prof. D.Sc. Ari da Silva Fonseca Filho – Orientador Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Helena Catão Henrique Ferreira

---

Profa. Ma. Lucia O. da Silveira Santos

NITERÓI,  
2014

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus familiares mais próximos: mãe, pai, irmã, tio, por estarem sempre presente, torcendo por mim e me dando forças. Aos mais distantes pelas orações e torcida, mesmo de longe, vocês têm um espaço especial no meu coração.

Aos meus queridos amigos, com os quais posso contar a qualquer momento, e enfrentar qualquer coisa.

Agradeço ao meu orientador, Ari Fonseca, por ter me acompanhado e guiado durante minha jornada na Universidade, e principalmente nessa reta final. Você é um exemplo, obrigada mesmo por tudo.

À professora Ana Paula Spolon, que iniciou minha orientação e me fez enxergar os passos a serem dados, obrigada por ser a primeira a confiar no meu trabalho.

Aos demais mestres, que se dedicam a cada dia pelo ensino de qualidade, abrindo nossos caminhos. Admiro demais o trabalho que fazem, obrigada!

Aos colegas de classe, e aqui destaco pessoas que tornaram essa jornada mais especial: Bruna Lannes, Juliana Silva, Karoline Soares, Luana Soares. Amo vocês!

Por último, mas não menos importante: À Deus, por me guiar, me abençoar, e permitir cada conquista que tenho realizado ao longo dos anos. Obrigada!

*Entender o passado em toda a sua complexidade  
é uma forma de adquirir sabedoria,  
humildade e um senso trágico a respeito da vida.*

*(Gordon S. Wood)*

## RESUMO

CUSSATE, Camila de Paula. A Hospitalidade na Cidade do Rio de Janeiro expressa na obra de Machado de Assis. 2014. 75 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho foi desenvolvido com a finalidade de identificar fatores referentes à hospitalidade na cidade do Rio de Janeiro do século XIX a partir da leitura de duas obras de Machado de Assis: Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) e Quincas Borba (1891), ambos ambientados no Rio de Janeiro. O objetivo geral é a análise de situações referentes à hospitalidade, tanto no contexto social quanto no contexto público, com base nas diferentes percepções de hospitalidade de autores conceituados no assunto, que podem demonstrar se a cidade era ou não hospitaleira. Os objetivos específicos são: Definir o conceito de hospitalidade, bem como seus desdobramentos, no que se refere aos diferentes contextos em que ela pode ser exercida; analisar a relação existente entre cultura e literatura para o estudo do turismo e da hospitalidade, além de apresentar o autor Machado de Assis e as principais características de sua literatura, bem como trazer o contexto histórico do Rio de Janeiro no período retratado; e por último analisar as situações que refletiam a hospitalidade (ou hostilidade) do Rio de Janeiro do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade; Literatura; Rio de Janeiro; Machado de Assis.

## **ABSTRACT**

CUSSATE, Camila de Paula. The hospitality in Rio de Janeiro City expressed on the books of Machado de Assis. 2014. 75 p. Monography (Graduation) - School of Tourism and Hospitality, Federal Fluminense University, Rio de Janeiro, 2014.

This monography aims to identify factors related to hospitality in the Rio de Janeiro City on 19th century from the reading of two books of Machado de Assis: *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1881) and *Quincas Borba* (1891) both acclimated in Rio de Janeiro. The general objective is the analysis of situations relating to hospitality, both the social context and the public context, based on different perceptions of hospitality respected authors on the subject that can demonstrate if the city is hospitable or not. The specific objectives are: Define the concept of hospitality as well as its consequences, in relation to the different contexts in which it can be exercised; analyze the relation between culture and literature to the study of tourism and hospitality, in addition to presenting the author Machado de Assis and the main features of its literature, as well as bringing the historical context of Rio de Janeiro depicted in the period; and lastly analyze situations that reflected the hospitality (or hostility) of Rio de Janeiro on 19th century.

**KEYWORDS:** Hospitality; Literature; Rio de Janeiro; Machado de Assis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 HOSPITALIDADE</b> .....	<b>15</b>
1.1 A HOSPITALIDADE E AS RELAÇÕES HUMANAS .....	15
1.2 A HOSTILIDADE E AS DIFERENÇAS SOCIAIS.....	18
1.3 A HOSPITALIDADE SOCIOESPACIAL.....	20
1.4 A HOSPITALIDADE BRASILEIRA.....	25
<b>2 TURISMO E CULTURA: A LITERATURA COMO OBJETO DE ESTUDO PARA HOSPITALIDADE</b> .....	<b>28</b>
2.1 O FENÔMENO DO TURISMO .....	29
2.2 CULTURA E LITERATURA .....	32
2.3 MACHADO DE ASSIS E O REALISMO NO BRASIL .....	35
<b>2.3.1 Repercussões de Machado de Assis</b> .....	<b>39</b>
<b>2.3.2 Características</b> .....	<b>40</b>
2.4 O RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX .....	44
<b>3 A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS E A HOSPITALIDADE</b> .....	<b>48</b>
3.1 ENREDO E CRÍTICA DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS .....	49
<b>3.1.1 A hospitalidade no contexto social</b> .....	<b>50</b>
<b>3.1.2 A hospitalidade no contexto público</b> .....	<b>53</b>
3.2 ENREDO E CRÍTICA DE QUINCAS BORBA .....	54
<b>3.2.1 A hospitalidade no contexto social</b> .....	<b>56</b>
<b>3.2.2 A hospitalidade no contexto público</b> .....	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>72</b>



## INTRODUÇÃO

A literatura é um importante instrumento de estudo, lazer e, conseqüentemente, uma rica fonte de cultura. As histórias narradas têm o poder de ilustrar no imaginário dos leitores as mais diversas situações e acontecimentos, que carecem do apoio de um espaço físico para que as histórias possam se desenvolver. É nesse contexto que o espaço ganha força, e junto com o desenvolvimento das relações entre os personagens, é alvo de diferentes interpretações – inicialmente do ponto de vista do autor, que descreve determinada localidade; e posteriormente do leitor, que passa a ter sua própria percepção daquele lugar, tanto no espaço físico quanto no espaço social.

Assim sendo, a literatura tem o poder de apresentar, descrever e criar uma sensação viva na cabeça do leitor de lugares que muitas vezes não visitou, mas que a partir da leitura, passa a ter a capacidade de visualizá-lo; além de fomentar a curiosidade destes, que terminam por ir em busca de informações sobre esses lugares e sua cultura. São os chamados “turistas culturais”, que viajam principalmente em busca de conhecimento (FONSECA FILHO, 2010).

Um exemplo da relevância da literatura para o turismo é o projeto Roteiros Literários, que teve sua criação em maio de 2014 pelas jornalistas Andréia Martins e Carolina Cunha, na qual segundo a revista Superinteressante da editora Abril (2014), “[...] busca lembrar e catalogar os locais (e eventuais cenários) de grandes obras literárias”. É, portanto, uma maneira de aproximar o leitor das histórias lidas por ele, que a partir daí tem sua necessidade de conhecimento atendida através do turismo.

No Brasil, a literatura conta com inúmeros autores que têm extrema relevância no cenário nacional, mas um se destaca por sua contribuição para a literatura brasileira, bem como as inúmeras críticas ao longo de sua carreira, até mesmo após sua morte. Machado de Assis, nascido e criado no Rio de Janeiro, implementa o movimento literário Realismo no Brasil com a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, em 1881. O movimento realista, nascido na França em 1857, faz oposição ao movimento anterior considerado utópico, e apresenta a

literatura sob uma nova ótica: uma descrição realista e mais fiel da sociedade, carregada por críticas sociais.

A descrição realista da sociedade e dos espaços pode despertar no leitor diferentes percepções de determinadas localidades, sejam elas positivas ou negativas. Considerando a hospitalidade como um espaço social onde os vínculos humanos são criados e sustentados (CAMARGO, 2004), é possível identificar se a sociedade é aquela que inclui ou exclui; se oferece acolhimento e conforto aos necessitados, sejam moradores ou viajantes; se possui serviços oferecidos à população, como sinalizações e acesso à educação. É possível, também, observar seus costumes e tradições, no âmbito mais amplo do entretenimento.

No contexto do espaço físico, é possível identificar se a cidade é hospitaleira ou hostil, referente às sensações que são passadas ao leitor de determinado lugar durante a leitura. Os conceitos referentes à hospitalidade nas cidades podem ser identificados a partir das contribuições de Grinover (2007), que apresenta três categorias de análise para hospitalidade: Acessibilidade, referente ao acesso que os indivíduos têm aos serviços; legibilidade, a maneira como uma cidade é reconhecida; e identidade, algo que é construindo ao longo do tempo.

Considerando as descrições acima, esse trabalho se propõe a analisar situações presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e em *Quincas Borba* (1891) de Machado de Assis, que possam refletir a hospitalidade (ou a ausência dela) na cidade do Rio de Janeiro do século XIX. As obras foram selecionadas por serem consideradas parte da trilogia realista do autor junto com *Dom Casmurro* (1899). Essa última não faz parte da análise por não conter tanto enfoque na sociedade em geral, e sim no tema de traição entre os personagens centrais. Conforme visto anteriormente, os livros fazem parte do movimento Realismo e se mostram como interessantes alvos de análise porque nas obras pode-se perceber a localização geográfica da cidade, além de uma descrição detalhada e crítica da sociedade, podendo assim, transmitir um retrato mais fiel da cidade do Rio de Janeiro do fim do século XIX.

O trabalho está fundamentado nos conceitos de hospitalidade trazidos por Camargo (2004), pelos aprofundamentos em relação aos contextos da hospitalidade de Conrad Lashley (2007) e pela contribuição de hospitalidade nas cidades trazidas por Grinover (2007), onde será feito um levantamento sobre a cidade do Rio de Janeiro a partir dos livros de Machado de Assis para posterior análise baseada nos

autores acima, tendo como principal foco alcançar um retrato detalhado expresso nas obras do autor.

Este tema pode ser justificado na medida em que, em pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2013), 19,4% dos turistas de lazer que viajaram para o Rio de Janeiro em 2012 tinham como principal motivação a cultura. O surgimento desse turista, segundo Fonseca Filho (2010), demonstra uma reação ao mundo de hoje cada vez mais influenciado pelos fenômenos da globalização, pelo multiculturalismo e pela desterritorialização. Nesse sentido: “[...] O mundo que chamamos de globalizado é o responsável pela redução das fronteiras e homogeneização das nações, levando a retração do nacional para instituir o global” (FONSECA FILHO, 2010, p. 62).

Esse fenômeno acontece devido ao crescente desenvolvimento tecnológico, que ao diluir as barreiras entre os países, permite diminuição das distâncias, e conseqüentemente, a conexão entre os grupos culturais (FONSECA FILHO, 2010). Portanto, para o autor, o desenvolvimento do turismo principalmente a partir do século XX teve por consequência o turismo de massa, que fez com que as identidades fossem perdidas. É por este motivo que se torna um desafio conservar a cultura nacional e as tradições, o que pode ser feito através do Patrimônio Cultural (FONSECA FILHO, 2010).

Portanto, a proposta alinhada a esse fenômeno é manter vivo o passado tanto para os moradores da cidade do Rio de Janeiro, quanto para quem a visita, que muitas vezes sentem a necessidade de olhar para o local em que vivem ou visitam e ver através dele, com curiosidade de entender a história por trás da paisagem atualmente vista.

No âmbito acadêmico, esta proposta mescla os conhecimentos técnicos extraídos dos fundamentos teóricos do turismo e da hospitalidade com os estudos de turismo e literatura, contribuindo para compreensão dos conteúdos de maneira aplicada na cidade do segundo estado de maior captação de turistas do país.

O autor Machado de Assis foi selecionado por inúmeras razões, entre elas, por ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros, cujas obras repercutiram ao longo dos anos e ainda nos dias de hoje estão presentes na vida das pessoas. Outro motivo é o fato de as obras selecionadas fazerem parte do movimento realista, cuja principal proposta era mostrar a realidade de maneira mais verdadeira a partir da rigorosa descrição e do detalhamento quase visual.

Entretanto, apesar dessa característica do movimento, é importante ressaltar que toda narração parte do ponto de vista do autor, que possui sua própria percepção sobre a realidade. As citações à localização geográfica também é um importante fator para construção desse trabalho.

O conjunto destas informações tende a facilitar a identificação de hospitalidade em diferentes contextos a partir dos livros, trazendo uma reflexão sobre a realidade do Rio de Janeiro do século XIX, tanto para moradores quanto para visitantes, mostrando-se assim um estudo relevante, que traz benefícios para a sociedade. Além disso, proporciona condições de conhecer mudanças geográficas e sociais, o que permite compreender relações complexas por meio da narrativa através do olhar do autor.

No contexto histórico, a partir da segunda metade do século XIX, período em que o livro selecionado de Machado de Assis está situado, o Brasil passou por profundas mudanças que contribuíram para estabelecer o Rio de Janeiro como uma das maiores cidades do país. A revolução industrial foi uma das principais contribuições, que permitiu que pessoas do país inteiro se deslocassem para a cidade em busca de melhores condições de vida, contribuindo para expansão comercial e social do Rio de Janeiro.

Já naquele período a Rua do Ouvidor era famosa por trazer ao Brasil os conceitos de cidades europeias como Paris para a elite milionária, enquanto que, em contrapartida, doenças matavam boa parte da população pobre, que vivia em cortiços esquecidos pelo governo.

Entretanto, apesar da notável discrepância social que fazia da cidade um espaço heterogêneo, levanta-se como problemática de estudo: Quais fatores de hospitalidade podem ser identificados em Memórias Póstumas de Brás Cubas e em Quincas Borba, obras de Machado de Assis, que possam refletir se a cidade era ou não hospitaleira?

Portanto, o objetivo principal do presente trabalho é identificar na obra selecionada de Machado de Assis elementos de hospitalidade carioca no contexto público e social, da cidade do Rio de Janeiro, que possam mostrar a hospitalidade da cidade. Toma-se como objetivos específicos:

- A) Refletir sobre os conceitos de hospitalidade que servirão como base para a análise dos livros de Machado de Assis, bem como seus desdobramentos, referente aos contextos em que ela pode ser exercida.
- B) Apresentar a relação existente entre cultura e literatura para o estudo do turismo e da hospitalidade; apresentar o autor Machado de Assis; contextualizar o Rio de Janeiro do século XIX.
- C) Identificar e analisar situações que reflitam a hospitalidade carioca do século XIX.

Para realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, na qual os dados são coletados a partir de livro escrito por terceiros, ou seja, a realidade será analisada a partir de um documento anteriormente escrito.

Além disso, foi utilizada a pesquisa exploratória, em razão do tema deste trabalho ter sido pouco explorado anteriormente. Ainda que seu objetivo não seja comprovar uma ideia, a pesquisa bibliográfica permite que sejam elaboradas técnicas de análise para a questão problema. Por estas razões esse método foi escolhido, uma vez que será elaborado uma maneira de analisar o problema de pesquisa, a partir de documentos anteriormente escritos.

O primeiro capítulo traz a apresentação e análise dos conceitos de hospitalidade como fonte de formação e desenvolvimento das relações humanas, e demonstra que o não cumprimento do ritual da hospitalidade pode gerar o oposto a ela: a hostilidade. É apresentada também a hospitalidade na esfera socioespacial, ou seja, no que diz respeito aos espaços públicos e ao convívio entre os seres humanos. Por último, traz uma análise da mundialmente conhecida “hospitalidade brasileira”, desde seu surgimento até como se configura nos dias de hoje.

O segundo capítulo conta com uma abordagem da relação existente entre turismo, cultura, literatura e hospitalidade, na qual a literatura é um viés da cultura que pode vir a funcionar como elemento impulsor do turismo, bem como permitir a análise da hospitalidade através das histórias. A seguir é feita uma análise do escritor Machado de Assis, suas características literárias e as repercussões nos dias de hoje. Uma apresentação do Rio de Janeiro no século XIX é trazida por último, de modo a situar o cenário da cidade naquele período para melhor compreensão das obras.

A partir dos capítulos que dão base para análise da hospitalidade em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e em *Quincas Borba* (1891), o terceiro capítulo traz exatamente esta abordagem, com o enredo das obras, as críticas literárias e, por fim, a análise da hospitalidade no Rio de Janeiro do século XIX, tanto no âmbito social quanto no espacial, revelando de que maneira se davam as relações humanas e quanto os rituais da hospitalidade tinham espaço para se desenvolverem.

## 1 HOSPITALIDADE

*Por que não estender nossas mãos tão fechadas?*

*Por que não descruzar nossos braços cruzados?*

*(Rosa de Saron – Autor Desconhecido.)*

A compreensão da palavra hospitalidade pode ser, diversas vezes, erroneamente resumida apenas aos conceitos que se referem aos serviços oferecidos por meios de hospedagem através de trocas financeiras, em que o hóspede dispõe de um pagamento para a obtenção do serviço por parte do anfitrião.

Essa é uma imagem frequentemente feita pelo senso comum, e não é por um acaso que a definição de hospitalidade permanece presa neste conceito nos dias atuais. A hospitalidade comercial como conhecemos, presente em hotéis, resorts, pousadas e diversos meios de hospedagem, segundo Camargo (2004) ganhou força com o surgimento do capitalismo, que criou a chamada cultura de consumo, e com isso a hospitalidade voltou-se à esfera privada, perdendo seus princípios iniciais, que vão muito além do setor financeiro.

Portanto, o objetivo deste capítulo é compreender o real significado da hospitalidade; de que maneira ela surgiu e de que forma influencia a vida das pessoas, possibilitando as interações humanas.

### 1.1 A HOSPITALIDADE E AS RELAÇÕES HUMANAS

Desde os *homo sapiens*, as relações humanas estiveram baseadas na interação entre pessoas e grupos, que se deslocavam de um lugar para o outro, normalmente destinados à caça e à procura de alimentos, de forma a potencializar a sobrevivência dos indivíduos. Percebe-se, nessas relações, a expressão das primeiras manifestações de hospitalidade, cujo processo exigia solidariedade e proteção por parte dos anfitriões, que tinham o dever de acolher, abrigar e saciar a necessidade de alimento do outro (GRINOVER, 2007).

Neste sentido, é possível afirmar que a hospitalidade teve origem com um conjunto de comportamentos advindos da própria base da sociedade, que incluem a partilha, a troca, a mutualidade e a reciprocidade (LASHLEY, 2004).

Essa integração possibilitou a construção e o desenvolvimento dos relacionamentos humanos, formando os grupos sociais, com suas culturas e identidades particulares. Ou seja, num conceito mais amplo, a hospitalidade pode ser compreendida como um fator social que constrói, alimenta e regula o vínculo humano (CAMARGO, 2004);

Percebe-se, portanto, que essa relação de troca diz respeito ao significado mais profundo da hospitalidade que, segundo Camargo (2004), envolve um conjunto de leis não escritas, que devem ser respeitadas tanto por quem recebe quanto por quem é recebido. Dentre essas leis destaca-se a que se refere ao sacrifício da hospitalidade, em que, em prol do hóspede, o anfitrião deve colocar o visitante à frente de suas necessidades, afim de proporcionar sua melhor hospitalidade.

Esse conceito é facilmente observado no texto O Mito da Hospitalidade, transcrito por Leonardo Boff (2005) em que o casal Báucis e Filêmon, apesar de muito pobres, acolhem os forasteiros Júpiter e seu filho Hermes da melhor maneira possível. Eles oferecem abrigo, lavam-lhes os pés, e com o pouco de alimento que possuem fazem uma sopa e servem aos seus hóspedes. Não obstante, no sentido mais amplo do sacrifício da hospitalidade, oferecem sua própria cama para que pai e filho possam descansar.

Essa situação também faz parte a tríplice dar-receber-retribuir da hospitalidade, onde a hospitalidade começa com uma dádiva, sem espera de retorno, mas o necessitado deve se sentir na posição de retribuir para fortalecer os vínculos com seus anfitriões, e assim funcionar de base para o vínculo humano (CAMARGO, 2004).

Lashley (2004) destaca a importância do alimento na hospitalidade ao citar Telfer (1996), que além de cumprir o dever de atender às necessidades básicas do viajante, também pode ser entendido como um vínculo que aproxima o anfitrião do hóspede. É um símbolo de confiança, e não é à toa que até os dias de hoje, inúmeros rituais envolvem o alimento como parte de uma importante celebração. Em outras palavras, a maneira como os alimentos são consumidos e compartilhados possibilita caracterizar uma sociedade “civilizada”, assim como define a identidade de grupos sociais.

Segundo Isabel Baptista (2005, p.161-162), “[...] as práticas de hospitalidade potencializam a socialização dos indivíduos separados inevitavelmente pelo mistério de suas subjetividades”. Em relação a “subjetividade”, a autora diz haver um mistério



que envolve a relação humana, uma vez que a hospitalidade exige abrir espaço para receber o outro, que possui conceitos, desejos e memórias diferentes (BAPTISTA, 2005).

Diante deste conceito profundo da hospitalidade, percebe-se o quanto suas características se perderam ao longo do tempo. Camargo (2004) adere este fenômeno à transferência da caça para agricultura e pecuária como fonte de divisão do trabalho; a exploração do homem pelo homem (na visão marxista) e a disputa por territórios, além do disparado crescimento populacional, que torna problemático o contato entre os seres humanos.

É neste contexto que surge o chamado “movimento civilizador” na modernidade, que segundo Camargo (2004) tem por objetivo resgatar a hospitalidade perdida através da criação de um conjunto de regras. O problema é que, diante da cultura materialista, as regras perdem o foco e passam a incluir fatores materiais, como regras para se vestir, modos de conversar e de comer, que terminam por separar as classes sociais.

A hospitalidade, que antes era vista como algo nato das pessoas que acolhiam por prazer, passa a ser uma conquista apenas de pessoas abastadas, que se comportam como previsto nessas regras recém-criadas.

É nesse mesmo período que a hospitalidade predomina no campo privado, e surgem as empresas comerciais, que passam a vender a hospitalidade, e por consequência, excluir aqueles que não possuem recursos financeiros.

Por outro lado, as empresas de turismo e hospitalidade ganham força no cenário econômico, e diante desta dualidade de abordagens da hospitalidade, surgem duas escolas de estudo: a americana e a francesa, cuja primeira tem por objetivo apenas ao lado comercial da hospitalidade; enquanto a segunda se preocupa com a hospitalidade doméstica e com a hospitalidade pública, ignorando o valor comercial e resgatando seus conceitos iniciais. Os estudos da escola francesa serão o foco de análise no decorrer deste trabalho.

## 1.2 A HOSTILIDADE E AS DIFERENÇAS SOCIAIS

Conforme foi possível perceber, a hospitalidade engloba leis e rituais que devem ser respeitados e fielmente seguidos. Mas o que aconteceria se essas leis fossem violadas?

A maioria dos estudiosos no campo da hospitalidade concordam que a consequência do não cumprimento dos rituais que regulam o convívio humano é a hostilidade, assim como afirma Camargo (2004, p. 18), ao concretizar que o universo socioantropológico da hospitalidade “[...] consiste, pois, de leis não escritas, cuja observância coloca em marcha o vínculo humano e cuja violação remete os indivíduos e as sociedades ao campo oposto, da hostilidade.”

No sentido primordial da hospitalidade, essa hostilidade pode surgir na recusa do acolhimento, do abrigo, e da não proteção do hóspede por parte do anfitrião; do não sacrifício de si em prol do bem estar do outro; bem como a não retribuição da hospitalidade, que apesar de ser oferecida sem garantia de retribuição, tem-se subentendido que deve ser retribuída. Essa retribuição não necessariamente ganha forma financeira, mas principalmente com um gesto também de hospitalidade, como um agradecimento por exemplo.

Voltando ao Mito da Hospitalidade, após serem recebidos com tamanho ato de hospitalidade, Júpiter e Hermes, como forma de agradecimento, oferecem que o casal anfitrião lhes façam pedido. Disse Júpiter: “Por causa da hospitalidade quero atender um pedido que fizerem”. E após os pedidos serem atendidos, o ritual da hospitalidade é realizado em sua integridade, excluindo qualquer possibilidade de hostilidade. Neste contexto:

Os rituais da hospitalidade, ganham, assim, força explicativa, ancestral até mesmo em relação as sociedades humanas, a de minimizar, ou, quem sabe até, de eliminar não a agressividade, mas a possibilidade de a agressividade dos indivíduos desandar a hostilidade. (CAMARGO, 2004, p. 33).

Ou seja, o cumprimento dos rituais da hospitalidade tem a missão de eliminar a possibilidade de hostilidade, que termina por romper o vínculo sagrado da hospitalidade, e conseqüentemente, de desestabilizar os relacionamentos humanos.

Isabel Baptista (2005) concorda com este pensamento ao afirmar que a hospitalidade tende a funcionar como um antídoto contra a hostilidade, que além de rompê-la, pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas, visto que

a hospitalidade “[...] tem como princípio fundamental atar um indivíduo a um coletivo, contrapondo-se inteiramente ao ato de exclusão” (MATHEUS, 2002, p. 65).

No contexto mais atual da hospitalidade, a hostilidade acontece em decorrência da exclusão social. Conforme dito anteriormente, a mudança do sistema de caça para pecuária, o aumento populacional e a exploração da mão de obra, segundo Camargo (2004), fez com que os rituais da hospitalidade fossem esquecidos. Segundo Buarque de Holanda (2012), isso se deve ao fato de que no período pré-industrial os patrões e os empregados não obedeciam a hierarquia que conhecemos hoje. Eles formavam uma família, que mantinham uma relação de partilha. A revolução industrial extinguiu essa relação de proximidade e intimidade, o que resultou na separação de classes. A partir desse momento o empregado passou a ser apenas um número, e a relação humana se perdeu (HOLANDA, 2012).

Na tentativa de resgatar essa hospitalidade perdida, foi criado o chamado “movimento civilizador”, mas diante do contexto capitalista e materialista, esta tentativa proporcionou a possibilidade de hostilidade.

Isso porque o movimento, junto ao advento do capitalismo, a revolução industrial e o acesso a bens de consumo no século XIX fomentou a cultura de consumo, e a partir desse momento, o cidadão passa a ser nobre não por ser hospitaleiro, mas por possuir dinheiro. Isso tem como consequência uma grande exclusão social, no sentido em que todos aqueles que não possuem renda são excluídos da “cidade econômica” (GRINOVER, 2007)

No que diz respeito ao alimento, uma importante parte da hospitalidade, até mesmo a forma de se alimentar funciona como distinção neste novo cenário.

Para Lashley (2004, p. 13.), “[...] as diferenças de classe social são frequentemente expressas pelo modo como os diferentes grupos consomem alimento, bebida e acomodação.” Isso porque os mais abastados tem acesso a inúmeros produtos de maior qualidade, enquanto os menos favorecidos terminam por consumir produtos mais em conta, sendo muitas vezes, de baixa qualidade. Ainda nesse contexto, o autor afirma que “[...] as atividades relacionadas à hospitalidade, sob a forma de comer e beber, dão oportunidade para a avaliação social dos indivíduos e para manifestações sociais e de *status*.” (LASHLEY, 2004, p. 12). Com isso, os indivíduos são analisados pelo que comem e bebem, gerando uma certa divisão na sociedade.

Este item pode ser analisado como a “futilidade” a que se refere Camargo (2004), uma vez que a hospitalidade do indivíduo passa a ser considerada não pela sua capacidade nata de acolher como rege os primórdios da hospitalidade, mas pela exclusiva posse de dinheiro. Lashley (2004) considera que no mundo capitalista, na medida em que aquisição de alimento se torna escassa, as elites tendem a ostentar sua riqueza através de alimentos raros; assim como Corrigan (1997), citado pelo autor, atribui a aquisição de materiais e de serviços como forma a obter *status*, na busca de um distanciamento de pessoas de classe social diferente.

Essa visão de afastamento em relação ao outro também é vista no pensamento de Camargo (2004, p. 35-36), que afirma que “[...] há uma forma de distinção social que é suntuária, exibicionista, fútil, repressiva, excludente, que multiplica os rituais como forma de afastar outros vistos como arrivistas”. Assim sendo, as diferenças sociais atuam como um elemento que separa a sociedade e exclui os que não se encaixam nos padrões, que muitas vezes são os menos favorecidos.

### 1.3 A HOSPITALIDADE SOCIOESPACIAL

Diante dos fatos anteriormente expostos, tomou-se o conhecimento de que a hospitalidade implica em um conjunto de regras a serem seguidas, de maneira a regular o vínculo humano e afastar a possibilidade de hostilidade.

No entanto, a questão aqui se torna mais profunda, no sentido de que para que a hospitalidade possa acontecer, é necessário um espaço onde as relações humanas podem ser desenvolvidas. Neste sentido, Rita de Cássia da Cruz (2002) afirma que:

Parte da hospitalidade é fruto da organização socioespacial dos lugares. Alguns lugares são mais hospitaleiros do que outros e isso possivelmente se dá em função da dimensão socioespacial subjacente ao ato de acolher o visitante. (CRUZ, 2002, p. 40).

Percebe-se, portanto, que tanto a organização espacial quanto a social interferem na classificação de um lugar hospitaleiro ou hostil. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Camargo (2004, p. 85) afirma que: “Hospitalidade é a interação de seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação.”

Os tempos e os espaços citados pelo autor, que posteriormente são definidos pelo mesmo, dizem respeito aos dois eixos das práticas sociais existentes no processo de hospitalidade. Nos tempos sociais incluem-se o receber, acolher, alimentar e entreter as pessoas. Os espaços se referem aos locais onde esses processos acontecem, que são o público, o comercial, o virtual e o doméstico. (CAMARGO, 2004).

A união desses eixos cria categorias de análise, cujos tempos utilizados neste trabalho serão os referentes à escola francesa (que não envolve o lado comercial da hospitalidade): o público e o doméstico, cuja interseção é possível verificar abaixo:

O receber doméstico refere-se ao ato de acolher as pessoas que chegam à casa de outra pessoa. A hospitalidade doméstica diz respeito ao abrigo e a proteção fornecida pelo anfitrião, que conforme visto anteriormente, tem por dever proteger seu hóspede. O alimentar doméstico encontra-se na necessidade de saciar a fome do hóspede, oferecendo-lhe alimento como forma de estreitar os laços entre ambos. O entreter doméstico diz respeito às comemorações que proporcionam divertimento, além de renovar as relações na forma de conversas, mais uma vez, a hospitalidade funcionando como um meio de desenvolver as relações humanas.

Por outro lado, no espaço público, é importante ressaltar que “[...] a hospitalidade não diz respeito apenas aquele que recebe, mas também aquele que é recebido” (CAMARGO, 2004, p. 42). Ou seja, é responsabilidade do visitante dar o primeiro passo para adaptação em determinado lugar, principalmente no que se refere à aceitação da cultura local.

Neste sentido, o espaço público é definido da seguinte forma:

É a hospitalidade que acontece em decorrência do direito de ir-e-vir, e em consequência, de ser atendido em suas expectativas de interação humana, podendo ser entendida tanto no cotidiano da vida urbana que privilegia os residentes, como na dimensão turística e na dimensão política mais ampla - a problemática dos migrantes de países mais pobres em direção aos países mais ricos (CAMARGO, 2004, p. 54).

Percebe-se, então, que o indivíduo carece das interações sociais para se sentir acolhido e parte de um grupo ao qual se identifique. Essa hospitalidade envolve o aspecto do espaço urbano como base para que o indivíduo tenha suas expectativas saciadas.

O receber público envolve a qualidade visual da cidade, se ela se faz legível para moradores e para visitantes, uma vez que uma cidade mais organizada visualmente se torna mais hospitaleira, pois os indivíduos se sentem acolhidos e

seguros naquela determinada localidade. Envolve também os costumes e as tradições, que podem garantir a acolhida das pessoas. A hospedagem pública refere-se ao abrigo que a cidade oferece ao visitante, como centros de informações e locais para repouso como terminais rodoviários. O alimentar público refere-se, por exemplo, a feiras públicas, que possibilitam a sociabilidade através do alimento, potencializando o convívio entre seres humanos. O entreter diz respeito às políticas urbanas que proporcionem lazer, tais como parques, áreas livres, museus, etc., de forma a promover cultura e qualidade de vida.

Segundo Grinover (2007), a cidade é vista como um construtor de identidade, entretanto, também é vítima de exploração por parte do mercado para que possa competir internacionalmente. Esse fato tende a implicar a qualidade de vida das pessoas, uma vez que a cidade precisa passar por diversas transformações físicas, que recorrentemente afetam a vida dos cidadãos.

Neste sentido, Zilma Maria Matheus (2002) afirma que:

A cidade constrói-se dia a dia, porém, toda construção se processa a partir de uma destruição [...]. Uma cidade que se constrói é ao mesmo tempo uma cidade que se destrói; e é precisamente na maneira e articular essa dupla operação de construção-destruição que reside a possibilidade de as cidades se desenvolverem harmoniosamente, visto que o ideal é que a construção se faça com o mínimo de destruição possível. (MATHEUS, 2002, p. 64-65).

Um exemplo deste processo de construção e destruição proposto pela autora é a construção da Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro no início do século XX. Conhecida como Avenida Central, a rua era habitada por pessoas pobres, onde as diferenças sociais eram evidentemente expressadas. As demolições faziam parte do movimento de modernização da cidade, porém inúmeros moradores foram despejados sem que houvesse um programa do governo que atendesse à todos, gerando hostilidade na população, que mais tarde reagiu contra o governo na chamada Revolta da Vacina com a depredação de prédios e outras manifestações agressivas.

Para evitar tais atos de hostilidade, é importante que as políticas públicas estejam voltadas para proporcionar ao cidadão uma cidade hospitaleira, que acolha e proporcione o bem-estar tanto dos moradores que dependem da cidade para se relacionar e viver, quanto para os visitantes, já que segundo Grinover (2007, p. 124):

O viajante quando chega a uma cidade é submetido a um infinito número de percepções, situações e de processos. São elementos tangíveis ou intangíveis, que o induz a comportamentos hospitaleiros ou não.

Neste contexto, é a hospitalidade da cidade que vai fazer com que o visitante tenda a praticar a hospitalidade, como no ritual da hospitalidade que envolve a retribuição: Se o indivíduo é bem acolhido pela cidade, ele vai fazer o possível para retribuir a hospitalidade. Mas afinal, o que seria hospitalidade urbana?

Grinover (2007) define que a hospitalidade urbana:

Implica uma organização, um ordenamento de lugares coletivos e exige a observação das regras dos usos desses lugares. Essas regras devem ser observadas e preservadas por meio dos princípios da hospitalidade, como por exemplo, assegurar a todos os cidadãos o acesso a equipamentos e serviços, transportes, trabalho, etc. (GRINOVER, 2007, p. 82).

Ou seja, além de carecer da interação social, o indivíduo também precisa de serviços que atendam às suas necessidades básicas. As regras citadas pelo autor referem-se à normas comuns, que vem a funcionar como uma ligação entre os indivíduos que são colocados em um contexto social em espaços públicos, revelando suas culturas (LASHLEY, 2004).

Um terceiro pensamento à respeito do espaço é fornecido por Isabel Baptista (2005):

As práticas da hospitalidade contribuem para dar uma configuração antropológica aos chamados não-lugares, potencializando a humanização de espaços de trânsito como estações de trem, aeroportos, hotéis, cafés, parques, praças públicas [...] (BAPTISTA, 2005, p. 162).

A autora delimita a importância da hospitalidade social nos espaços, sendo a responsável por dar sentido a esses ambientes muitas vezes considerados vazios, mas que a partir das relações sociais ganham significado.

Entretanto, apesar da importância da organização do espaço para que ele seja hospitaleiro, Grinover (2007) destaca outro fator para a hospitalidade, que é a infraestrutura. Ou seja, uma cidade hospitaleira requer mais do que beleza; requer também segurança e serviços que satisfaçam a população, visto que [...] “a carência de vida cultural e de atividades sociais e coletivas diminui o que se entende por laço social” (MATHEUS, 2002, p. 65). Ainda segundo Grinover (2007), a ausência dessas políticas de interação, principalmente devido à descontinuidade de políticas de planejamento, gera problemas na cidade e afetam diretamente quem ali vive ou visita.

Esses problemas contemplam a desintegração social, na qual “[...] os diferentes grupos sociais se tornam antagônicos e se desintegram, gerando

violência e aumento da criminalidade urbana. São refletidos na existência de favelas e cortiços” (GRINOVER, 2007, p. 107).

Portanto, é perceptível que para uma cidade ser hospitaleira ela precisa fornecer qualidade de vida para a população, incluindo educação e emprego, uma vez que carente desses serviços, a hostilidade é causada pela pobreza em forma de criminalidade (GRINOVER, 2007). O autor também entende que esses fatores estão ligados aos problemas contemporâneos advindos principalmente da globalização, pois com ela há uma ruptura dos grupos sociais e dos espaços.

Mas estudar a cidade, segundo Grinover (2007), implica também estudar seu histórico, os valores sociais econômicos e o território, pois é onde se desenvolvem as relações humanas, e permite a introdução da inclusão social. Também se inclui o estudo da ética, da cidadania e das culturas da sociedade. Pensamento este compartilhado por Lashley (2004), que considera que a hospitalidade no domínio social deve ser analisada pela perspectiva histórica, cultural e antropológica.

Visto a complexidade se de analisar se uma cidade é ou não hospitaleira, cuja análise deve envolver tanto aspectos tangíveis quanto intangíveis, Grinover (2007) apresenta três dimensões para analisar a cidade, que são: acessibilidade, legibilidade e identidade. Segundo o autor, essas dimensões possibilitam a compreensão da cidade, seja para o habitante ou para o visitante. Neste contexto, a hospitalidade é uma relação que envolve dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido.

Diferente do conceito conhecido por acessibilidade, que envolve acesso aos deficientes físicos, Grinover (2007) entende por acessibilidade o acesso à atividades e serviços que a cidade fornece a todos os indivíduos, proporcionando igualdade e oportunidade a todos. Refere-se também à disponibilidade de fatores tangíveis, como o sistema de transporte, localização dos espaços, uso de solo, água, rede de esgoto, saúde, trabalho, lazer, etc.; e fatores intangíveis, como o acesso à cultura, à informação e à educação. Esses fatores geram a aproximação dos indivíduos, possibilitando a interação social. A ausência dessas condições básicas, que afetam principalmente regiões periféricas, potencializam a segregação socioespacial.

Segundo Grinover (2007, p. 144), por legibilidade: “[...] entende-se a qualidade visual de uma cidade, de um território, examinada por meio de estudos da imagem mental que dela fazem, antes de qualquer outro, os seus habitantes”. Ou seja, essa imagem mental é tida como uma referência, que pode indicar a facilidade



ou a dificuldade que a cidade pode ser percebida, lida e interpretada, levando-se em consideração a coerência deste reconhecimento.

A identidade pode ser compreendida como um fator passível de constante mutação, pois está sempre em construção ao longo do tempo. O problema é que, com a globalização e o processo chamado “homogeneização cultural”, essa identidade vem se perdendo e dando lugar ao que Grinover (2007) chama de linguagem internacional.

Assim, cidade precisa encontrar uma maneira de se entender como um lugar de memórias passadas e memórias futuras (GRINOVER, 2007).

Um exemplo disto são os deslocamentos de pessoas de suas cidades natais para outras cidades, que diante de uma nova cultura, precisam se adaptar à nova realidade, mas sem deixar por completo os seus costumes. Essas pessoas também influenciam a cultura da cidade, contribuindo para a construção da identidade.

#### 1.4 A HOSPITALIDADE BRASILEIRA

Conhecida no contexto internacional, a hospitalidade brasileira é uma característica que atrai inúmeros turistas ao Brasil. Além das motivações de viagem mais comuns como visitas às belas paisagens, aos monumentos, à cultura local e à gastronomia, vêm em busca do acolhimento mundialmente conhecido do povo brasileiro.

Essa é uma particularidade que está interligada ao gosto do brasileiro de receber e acolher bem os estrangeiros; da alegria de poder mostrar ao outro sua própria cultura e fazer com que o turista se sinta parte dela.

Em relação a isso, o jornal *British Broadcasting Corporation* (BBC, 2014), publicou em sua página no Brasil uma matéria vinculada à hospitalidade brasileira do ponto de vista do turista estrangeiro durante a Copa do Mundo, que aconteceu no Brasil em 2014.

Turistas de inúmeros países foram entrevistados nas cidades-sede do evento, e segundo o jornal, apesar de críticas relacionadas a assaltos e atraso de obras, a hospitalidade do povo brasileiro foi uma unanimidade no que se refere às qualidades do país. "As pessoas são incríveis aqui" elogiavam os estrangeiros.

"Os brasileiros são extremamente prestativos, sempre querendo ajudar. É incrível", disse a irlandesa Enya. E mais:

"Nós ficamos muito surpresos, todos os brasileiros estão sendo incríveis com a gente, muito solidários, qualquer lugar que vamos eles perguntam 'você precisam de ajuda?'" disseram os britânicos Sam e Adam.

Entretanto, embora a hospitalidade brasileira seja um conceito tão atual, ela encontra suas bases há milhares de anos atrás, e também na descoberta do país pelos portugueses (CASTELLI, 2005).

No contexto histórico, ainda segundo o autor, os navegantes europeus do século XV tinham o objetivo de encontrar e se apoderar de terras e suas riquezas, além de propagar a fé cristã. Essas expedições chegaram ao Brasil no século XVI, e diferente da relação de antipatia entre os povos conquistados e os demais europeus conquistadores, o envolvimento dos portugueses com os índios que habitavam o Brasil se deu de maneira diversificada, ocasionando uma relação de hospitalidade entre as pessoas. Isso se deve à miscigenação imediata dos portugueses com os habitantes nativos, que criou uma relação curiosa de acolhimento.

Nem sempre esse relacionamento foi amistoso, mas a hospitalidade já era perceptível em muitas comunidades indígenas, que com a chegada dos europeus, ofereceram água, comida, e acolhimento (características primordiais da hospitalidade), segundo as cartas de Vespúcio à Portugal.

A hostilidade surgiu tempos depois com a exploração demasiada dos índios, que foram obrigados a perder boa parte de sua identidade e de seus costumes para passar a servir os europeus. Referente a isso, os grupos:

Dirigidos, vencidos e conquistados são pessoas, grupos sociais ou povos, em maior ou menor intensidade, subjugados e escravizados, forçados ou condenados o servilismo e à servidão, de forma velada ou não. Isso no Brasil, tem acontecido, ao longo da história, com os índios, com os negros e com outras pessoas de todas as cores, igualmente subjugadas. Esse domínio tem gerado, nas populações denominadas, uma atitude servil, algumas poucas vezes contestada, outras, a maior parte delas, aceita. (CASTELLI, 2005, p. 121).

Percebe-se então que é dessa exploração que surge a cultura de servidão, cuja característica é servir ao outro, que vem a originar a considerada hospitalidade brasileira. Entretanto, essa hospitalidade pode ser considerada como algo hostil, porque tem base na cultura de subserviência e inferioridade diante do outro.

Além disso, outros elementos fizeram e fazem parte da formação do povo brasileiro, que são os espaços geográficos e suas dimensões.

No contexto físico, uma das principais atrações e turistas ao país, a beleza é exaltada desde o tempo do descobrimento, conforme pode ser percebido na carta de Pero Vaz de Caminha:

[Essa terra] de ponta a ponta é toda praia [...] muito chã e muito formosa [...]. A terra em si é de muito bons ares frescos e temperados [...]. Esta terra é muito amena e cheia de inúmeras e muito grandes árvores verdes, que nunca perdem as folhas; todas têm odores suavíssimos, produzem muitíssimas frutas e muitas delas saborosas e salutaras ao corpo. Os campos produzem muitas ervas, flores e raízes muito suaves e boas. Algumas vezes me maravilhei tanto com os suaves odores das ervas e das flores e com todos os sabores dessas frutas e raízes, tanto que pensava comigo estar perto do paraíso terrestre. (CAMINHA, [s. d.], [s.p.] )

Outras revelações da nova terra são feitas no decorrer da carta, destacando as belezas naturais, entre paisagens, animais, frutas e outros. Assim sendo, percebe-se que os fatores que levaram o Brasil as características de povo hospitaleiro e de belezas naturais são percebidas desde o seu descobrimento; e que a união desses dois elementos possibilitou que os rituais da hospitalidade fossem aplicados e propagados na sociedade brasileira, permitindo, posteriormente, que o Brasil se tornasse um importante destino turístico de pessoas de todo o mundo.

## 2 TURISMO E CULTURA: A LITERATURA COMO UM OBJETO DE ESTUDO PARA HOSPITALIDADE

*Todos os dias  
A cidade em que vivo  
Quer brigar comigo  
Mal sabe ela, que é por ela  
Que todo dia brigo  
(Zélia Duncan – Todos os Dias)*

A atividade do turismo vem se desenvolvendo e intensificando ao longo dos anos, proporcionando que cada vez mais pessoas do mundo inteiro possam se locomover em diferentes cidades e países. As motivações que levam pessoas a transitarem de um lugar para o outro são as mais diversas, que incluem lazer, negócios e outros. Entretanto, este capítulo visa a análise do segmento do turismo que se refere à cultura, compreendido como um fator que contribui para o desenvolvimento pessoal e social do ser humano.

Assim sendo, a literatura, entendida como um viés do turismo cultural, tende a ser um importante fator que motiva as pessoas a viajarem, uma vez que a história necessita do alicerce de cenários que muitas vezes são citados e detalhados, incitando interesse do leitor por conhecer aquele determinado lugar.

A literatura também proporciona análises de diferentes perspectivas, podendo ser turísticas como citado acima, históricas, culturais; e também da perspectiva da hospitalidade, conforme o objetivo deste trabalho.

Neste capítulo, portanto, será apresentado um breve histórico do desenvolvimento do turismo; bem como suas segmentações e um aprofundamento da literatura como segmento da cultura. E, em seguida, será feita uma contextualização do Rio de Janeiro do século XIX, uma análise do escritor Machado de Assis, sua relevância na atualidade, suas principais características de escrita e o quanto esta exalta locais históricos do Rio de Janeiro, tornando-se interessante para o turismo literário e a composição da hospitalidade carioca, foco do presente trabalho.

### 2.1 O FENÔMENO DO TURISMO

No capítulo anterior foi possível perceber que o deslocamento humano é uma característica que apesar de perpetuar na atualidade, esteve presente desde a existência dos *homo sapiens*. Viu-se também que as motivações iniciais desses deslocamentos se baseavam na busca pela sobrevivência, onde se incluía a busca por lugares mais habitáveis em relação ao clima, à temperatura e à oferta de alimentos.

Mas segundo Dias (2005), esse deslocamento ganhou nova forma com o passar do tempo, e isso se deve às novas formas de adaptação que seres humanos foram adquirindo. Em outras palavras, eles aprenderam a domesticar animais e a cultivar plantações, perdendo assim a necessidade de se locomoverem o tempo inteiro, permitindo fixar-se em uma mesma localidade. Entretanto, embora esse fenômeno tenha permitido a garantia de sobrevivência sem a necessidade de locomoção, o deslocamento não se extinguiu, apenas se transformou, ganhando novos agentes.

Os motivos de deslocamento, como cita Dias (2005), passaram a incluir, na Grécia, o turismo religioso (que foi iniciado a partir deste momento); os jogos esportivos, cujas olimpíadas atraíam milhares de pessoas; e a busca por conhecimento, o qual conhecemos por turismo cultural atualmente. Na Roma os motivos incluía o lazer, visitação à monumentos históricos e o tratamento de saúde em águas termais.

As motivações religiosas e comerciais cresceram significativamente na Idade Média, com peregrinações que iam em busca de especiarias que pudessem ser comercializadas e como forma de expansão da fé cristã.

Nos século XVII e XVIII, a nobreza europeia, principalmente a inglesa, conforme cita Dias (2005), passou a enviar seus filhos para outros países por motivos educacionais, de forma a adquirir informação e cultura. No fim do século XVIII, entretanto, essas viagens começaram ganhar conotação científica, e os objetivos passaram a incluir os avanços da industrialização.

No entanto, apesar desses deslocamentos apresentarem características do turismo ao qual conhecemos hoje, segundo Dias (2005), é somente a partir o século XIX que o turismo moderno começa a se desenvolver. Isso se deve principalmente aos avanços tecnológicos da revolução industrial, cuja descoberta do vapor possibilitou maior utilização dos meios de transporte, tais como trens e navios, aumentando significativamente a quantidade de pessoas que viajavam.

Mas apesar de as viagens do século XIX abarcarem uma enorme quantidade de pessoas, estavam em sua maioria voltadas para as elites, porque ainda era caro viajar. Esse cenário começou a se transformar com o surgimento dos automóveis, no início do século XX. Posteriormente, na metade do século, especificamente em 1945, o meio de transporte ganha um novo aliado: a aviação.

Todos esses fatores, aliados a crescente melhoria da infraestrutura possibilitaram o movimento de massas, onde milhares de pessoas de diversas camadas sociais passaram a usufruir do turismo. É devido a isso que entre a década de 1990 e o século XXI, “[...] turismo experimenta um processo de crescimento sem precedentes, tornando-se o maior movimento de pessoas já ocorrido na história da humanidade” (DIAS, 2005, p. 41).

Em paralelo ao contínuo crescimento do turismo, começam a ser observado os diversos e divergentes fatores que motivam os visitantes a realizar o turismo. Tendo isto em vista, é criada a segmentação de mercado, que visa separar e caracterizar grupos de turistas com comportamentos semelhantes, a fim de que as necessidades de cada grupo possam ser atendidas com mais eficácia. Nesse sentido:

A segmentação de mercado consiste na sua divisão em grupos de consumidores relativamente homogêneo em relação a um critério adotado (idade, interesses específicos etc.) com o objetivo de desenvolver, para cada um desses grupos, estratégias de marketing diferenciadas que ajudem a satisfazer a suas necessidades e conseguir os objetivos de atração da demanda para determinado núcleo receptor. (DIAS, 2005, p.67)

Há inúmeras formas de separar e identificar esses grupos, e Dias (2005) apresenta alguns critérios e suas classificações, conforme a ilustração abaixo:

CRITÉRIOS	CLASSIFICAÇÃO
<b>Geográfico</b>	
Região	Nordeste, Sul, Centro, Norte, Alta Mogiana, Vale do Ribeira etc.
Habitat	Rural, urbano, centro da cidade, industrial, por código postal etc.
População	Menos de 10.000 hab., de 10.000 a 20.000, de 20.000 a 50.000, de 50.000 a 100.000 etc.
Clima	Setentrional, meridional, oceânico, continental etc.
<b>Sociodemográfico</b>	
Idade	Menor de 6 anos, de 6 a 11 anos, de 12 a 17 anos, de 18 a 35 anos, de 35 a 49 anos, de 50 a 64 anos, mais de 65 anos.
Sexo	Masculino e feminino.
Tamanho da unidade familiar	De 1, 2, 3, 4, 5 e mais membros.
Ciclo de vida familiar	Jovem solteiro, jovem casado e sem filhos, jovem casado e com pelo menos um filho menor de 6 anos, maior casado e com filhos, maior casado e com todos os filhos maiores de 18 anos, maior solteiro e outros.
Renda	Intervalos de renda bruta da unidade familiar ou da renda familiar disponível.
Nível socioprofissional	Profissionais liberais, executivos, assalariados, funcionários públicos etc.
Formação e nível educacional	Primária, secundária, superior, pós-graduação.
Nacionalidade	Argentina, boliviana, alemã, portuguesa, italiana etc.
<b>Motivo da viagem</b>	
Lazer	Férias, cultura, esporte, outros.
Profissional	Negócios, empresarial etc.
Outros	Religião, estudo, saúde, grandes acontecimentos, ecologia, gastronomia etc.
<b>Psicográfico</b>	
Estilo de vida	Jovem executivo, dinâmico, estudioso permanente etc.
Personalidade	Autoritário, aloccêntrico, psicocêntrico etc.
<b>Comportamento</b>	
Como usuário	Não-usuário, ex-usuário, usuário potencial, usuário primário, usuário regular ou irregular.
Motivação de compra	Por economia, por comodidade, prestígio.
Frequência de uso	Usuário freqüente, usuário de freqüência média, usuário de baixa freqüência.
Fontes de informação	Jornal diário, revista, TV, amigos, familiares.
Atitude sobre o produto	Não o conhece, o conhece, informado, interessado, deseja comprá-lo, tem a intenção de comprá-lo.
Fidelidade à marca	Cliente incondicional, fiel mas não exclusivo, infiel.
Sensibilidade aos fatores de marketing	Qualidade, preço, serviço, publicidade, ofertas especiais.

**Ilustração 1** – Principais critérios de segmentação. Adaptado por Rinaldo Dias com base em Tocquer e Zins (DIAS, 2005, p. 69).

Nesse contexto, a cultura faz parte do critério conhecido como motivo de viagem.

O autor também apresenta os principais tipos de turismo no Brasil, estando o turismo cultural no segundo lugar. Segundo ele, esse segmento representa maior alcance de crescimento, uma vez que apresenta inúmeros pontos a serem explorados. Incluem-se aqui o turismo em patrimônio histórico, que diz respeito fortalezas, centros históricos etc.; ao patrimônio arqueológico, à gastronomia, ao patrimônio religioso, museus, patrimônio industrial, antropológico e rural. Portanto,

cabe ressaltar que os hábitos e costumes são aspectos culturais valorizados por esse tipo de turista, e que a hospitalidade se encaixa nesses âmbitos porque faz parte das tradições de um povo a partir do momento em que é definida como um fator social que regula os vínculos humanos, conforme visto anteriormente.

Por outro lado, a literatura é uma vertente do turismo cultural, mas antes de analisarmos sua relação, vamos aprofundar na relação existente entre cultura e literatura.

## 2.2 CULTURA E LITERATURA

A cultura atua como um importante instrumento de desenvolvimento das relações sociais, uma vez que possibilita inúmeras trocas entre os grupos sociais (SOUZA, 2008). Isto se deve ao fato de os cidadãos de um mesmo grupo compartilharem dos mesmos costumes, a mesma história, e por esse motivo, sentirem-se sociáveis e parte da sociedade. Deste modo, a cultura também atua como um elemento fortificador da hospitalidade, porque ao possibilitar que os cidadãos sintam-se sociáveis, permite que o processo da hospitalidade possa acontecer, evitando a exclusão social, que pode gerar a hostilidade.

É por essa razão que atualmente os estudos de cultura estão voltados para melhor compreensão da sociedade, porque englobam um conjunto de normas e valores que influenciam diretamente seus comportamentos (OLINTO, 2008). Assim:

Entende-se aqui cultura como os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores e simbólicos, as tradições e as crenças, incluindo-se aí a “cultura culta”. Ela é o que dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo, sobre o grupo do qual faz parte bem como sobre outros grupos, atribuindo a dimensão ética aos indivíduos. Através dela efetuamos trocas simbólicas e políticas. (SOUZA, 2008, p. 31).

São essas trocas a que se refere Souza (2008) que permitem a identificação de um grupo em relação à sua história, seus costumes, seus hábitos e suas características, proporcionando as interações sociais.

Entretanto, a cultura é algo que está sempre em mutação, se vigorando e renovando ao longo dos anos. E diante de um mundo cada vez mais globalizado e de grandes transformações, manter a memória de uma cidade viva se torna um desafio, que deve ser vencido a partir das práticas culturais. Isso significa o contínuo processo de aquisição de conhecimento da cultura como forma de permitir



aprendizagem e comunicação entre os membros da sociedade (SOUZA, 2008). O autor também destaca a importância da relação entre história e cultura, onde a história conta com o auxílio de vários elementos como a fotografia, documentos, mapas etc. para manter-se viva, e a literatura é um dos principais elementos por permitir reinterpretar o mundo através da linguagem.

Souza (2008) destaca que a memória cultural da cidade encontra-se em patrimônios culturais, como museus, documentos oficiais e administrativos, e em escritas da cidade como textos e poemas.

Portanto, tendo em vista que a cultura tem o objetivo tanto de orientar quanto de traduzir os processos de comunicação, a linguagem funciona como um vetor orientador social, que permite que as informações possam ser guardadas e difundidas ao redor do mundo. (SCHOLLHAMMER, 2008).

Assim sendo, a literatura, uma vertente da linguagem, pode ser abordada em relação à aproximação entre imagem e texto (SCHOLLHAMMER, 2008). Ou seja, refere-se à imagem feita na imaginação do leitor sobre uma determinada realidade, que permite uma melhor compreensão sobre aquele lugar. É o que o autor chama de “cultura visual”, que apresenta uma maneira de análise de estudos partir do confronto entre texto e imagem.

Para Schollhammer (2008), a imagem televisiva e digital não permite que os espaços sejam apresentados de maneira eficiente como faz a literatura, uma vez que não mantém a atenção do telespectador e não possibilita totalmente a interpretação das relações sociais. Entretanto, isso pode ser relativo, uma vez que há filmes e novelas que trazem uma abordagem das diferenças sociais. Em Avenida Brasil, por exemplo, novela exibida pela Rede Globo no ano de 2012, além da trama, há uma crítica em relação à exclusão da sociedade que vive no lixão, e não tem acesso aos bens da civilização. Mas também é verdade que a literatura pode trazer uma abordagem mais detalhada sobre esses assuntos.

Portanto, Schollhammer (2008) sugere que isso acontece pelos efeitos da globalização, que tende a criar lugares sem identificação nas telas, o que não permite que os indivíduos se identifiquem com a imagem retratada. Além disso, a realidade de países pobres, que possuem deficiências em serviços de água, luz e esgoto, na maioria das vezes não são inteiramente passadas nas telas, por mais que haja uma tentativa de as novelas expressarem tais fatores em suas obras. Isso acontece devido à falta de eficácia em expressar devidamente o problema e fazer

com que a população se identifique nas cidades transmitidas pela televisão, que cada vez mais se tornam sem identidade.

Por outro lado, Schollhammer (2008) afirma que na literatura é possível expressar a experiência urbana com mais realidade, uma vez que ela permite levar em consideração a estrutura da cidade como um todo, suas qualidades e desafios, bem como a realidade humana.

É por este motivo que a literatura não deve ser interpretada somente como entretenimento, mas sim com o objetivo de agregar conhecimento e possibilitar o desenvolvimento da cultura.

Neste sentido:

A literatura pode ser entendida como um patrimônio cultural de uma dada comunidade a partir do momento em que é produzida, apropriada e reconhecida por ela, passando a ser um dos elementos da memória desse grupo social.” (SOUZA, 2008, p. 134).

Em relação ao histórico da literatura, Souza (2008) afirma que a violência é um fator que sempre esteve presente nas obras, desde a época da arte paleolítica, e isso se deve ao histórico de episódios violentos que a sociedade tem vivido ao longo de todos os anos, que faz com que os seres humanos tomem determinadas atitudes violentas.

Essa agressão na literatura não se apresenta de maneira diferente com o Brasil, e segundo o autor, inclui principalmente as violências relativas ao período da colonização, da escravização de negro e da exclusão dos pobres.

Souza (2008) traz exemplos desse cenário, como as obras *Iracema* e *O Guarani*, que mostram a violência da colonização; *Os Sertões*, de Euclides Cunha, que relata o massacre sofrido na guerra de Canudos; e diversos outros autores que retratam a violência da história da sociedade.

Percebe-se, portanto, a importância da literatura para manter o passado vivo, para que as atuais e futuras gerações possam aprender e se conscientizar com ele. A literatura também permite análise sob inúmeros ângulos, como história, filosofia, comportamentos humanos e as ciências humanas em geral.

É por este motivo que a literatura é entendida como uma vertente do turismo cultural, pois a partir da leitura de um livro, são esboçados na mente do leitor fatores relacionados ao ambiente fictício retratado, como a cultura de um povo, sua

identidade, o espaço físico, monumentos e paisagens, que podem despertar no indivíduo o desejo de conhecer aquele lugar, e se aprofundar em sua cultura.

É a partir dessa análise que são criados inúmeros roteiros turísticos com base em livros, como por exemplo, o projeto O Rio de Clarice<sup>1</sup>, que se configura em passeios guiados no Leme e no Catete, além de bate-papo sobre as obras da autora Clarice Lispector.

Outro projeto do mesmo estilo é o Roteiros Literários<sup>2</sup>, cujo *site* tem o objetivo de fornecer informações sobre os destinos turísticos relacionados à literatura e ao local onde os escritores viviam.

Entretanto, além da vertente do turismo, é possível analisar a literatura quanto à hospitalidade presente nas obras, conforme é o foco do presente trabalho. Os livros de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) e Quincas Borba (1891) serão detalhadas nos capítulos a seguir, tendo objetivo de analisar a hospitalidade a partir das ações dos moradores da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, tendo em vista que muitas práticas podem refletir até hoje no comportamento do carioca.

### 2.3 MACHADO DE ASSIS E O REALISMO NO BRASIL

Tanto a literatura estrangeira quanto a nacional contam com inúmeros movimentos literários que fizeram parte de diferentes períodos da história, com características bastante distintas umas das outras. Essas características variam em relação às abordagens do texto, onde alguns movimentos apresentavam uma visão mais utópica das relações humanas, da sociedade e da vida nas cidades. Por outro lado, outras já trazem uma abordagem mais realista, com severas críticas ao ser humano e seu modo de se relacionar em sociedade.

Um dos movimentos que apresentam essa abordagem é o chamado Realismo, cuja principal característica é justamente romper com a realidade ilusória do Romantismo (movimento anterior) e trazer uma abordagem mais legítima sobre a realidade, carregada por críticas sociais (BARROS, 2010).

---

<sup>1</sup> O Evento O Rio de Clarice faz parte do projeto Caminhos da Arte no Rio de Janeiro, idealizado por Teresa Monteiro. Os passeios aconteceram nos dias 29 e 30 de setembro de 2014.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://roteirosliterarios.com.br/>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

O Realismo surgiu no século XIX, período de grandes transformações no contexto histórico. É neste mesmo século que se desenvolve a segunda revolução industrial, que se difere da primeira pelos avanços tecnológicos, que permitiu pesquisas científicas que fossem aplicadas à indústria. Com a revolução, os investimentos na ciência aumentaram significativamente, possibilitando novas descobertas (BARROS, 2010).

Os estudos relacionados ao darwinismo, segundo Barros (2010) e a outras ciências, passaram a focar em métodos como a experimentação e observação dos fenômenos naturais. No mesmo período, estudiosos da cultura também se apropriaram desses métodos e passaram a tentar compreender a sociedade com base nesses mesmos preceitos, “[...] constituindo o cientificismo, uma forma de conhecimento fundada no saber científico que causou grande confronto de boa parte da intelectualidade europeia com a Igreja católica” (BARROS, 2010, p. 86). Isso porque todas as teorias que não eram baseadas no contexto científico, como a religião e a filosofia, sofreram um grande descrédito por parte os estudiosos e de uma parcela da população.

Arelado a isso, a sociologia moderna começa a se desenvolver com o movimento chamado Positivismo, apresentado por Auguste Comte, na França. Esse movimento também estava influenciado pelos pensamentos científicos do período, e segundo Barros (2010, p. 76): “Seus textos afirmavam que a humanidade rumava, em uma espécie de marcha natural, para o desenvolvimento de uma sociedade amparada fundamentalmente no saber científico”.

É nesse contexto que os escritores, igualmente influenciados pelo chamado cientificismo começam a se preocupar com uma abordagem pautada na observação da realidade, deixando a subjetividade de lado. Neste aspecto:

A arte do Realismo propõe-se a problematizar as estruturas sociais que ainda refletiam a dominância de instituições como a Igreja e a aristocracia, entendidas como expressões do atraso social. [...] As obras realistas preocupavam-se bastante com o comportamento das personagens para investigar suas fraquezas, angústias e perturbações emocionais. A procura pela ‘palavra justa’, que permitisse penetrar nas consciências humanas, servia para levar ao leitor a análise psicológica – esta se tornaria uma das marcas registradas desse período. (BARROS, 2010, p. 88).

Nesta análise, os indivíduos são expostos a situações que irão revelar suas características em relação aos seus comportamentos em sociedade.

Barros (2010) também se refere à crítica feita à burguesia, e dessa forma a literatura passa a servir como objeto de crítica à política. Há também uma visão pessimista do ser humano, onde por mais que ele tentasse mudar suas atitudes não conseguiria, porque está influenciado pelo egoísmo de sempre querer se dar bem, sem se importar se isso pode prejudicar o outro. E é nesse contexto que surge o anti-herói – o personagem principal que possui defeitos e oscilações de caráter, totalmente contrário aos heróis do Romantismo, repletos de qualidades e comportamentos idealistas.

No século XIX o Brasil também passava por grandes transformações, e devido à crescente relação entre o país com a Europa, os movimentos científicistas que se desenrolavam lá passaram a influenciar a sociedade brasileira. Isso porque, segundo Barros (2010), conflitos como a Guerra do Paraguai (1864-1870) geraram grandes insatisfações com a monarquia, e as ideias republicanas ganharam força e passaram a se difundir.

Assim sendo, as severas críticas à monarquia, juntamente ao contraste entre a escravidão e os pensamentos liberais tornaram-se os principais alvos de crítica do realismo brasileiro.

É neste contexto que se insere Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro da história do Brasil. Suas primeiras obras apresentavam características do romantismo, entretanto, com o passar do tempo e a ascensão dos ideais revolucionários, publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), e insere o Realismo no Brasil (BARROS, 2010).

Devido à importância de Machado de Assis, foi criado um site pela Academia Brasileira de Letras (2011), com informações importantes sobre o autor. Dentre elas a biografia a seguir.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento no Rio de Janeiro. Mulato, em um país onde os negros ainda eram escravizados, teve uma infância pobre e ausência de educação formal. Mas isso não o impossibilitou de estudar e aprender, sendo considerado um autodidata.

Aos quinze anos, em 1854, publica seu primeiro trabalho literário no *Periódico dos Pobres*. Dois anos mais tarde começa trabalhar na *Imprensa Nacional*, onde conhece Manuel Antônio de Almeida, que vem a ser seu amigo e protetor.

Seu primeiro livro de poesias, intitulado *Crisálidas*, é publicado em 1864, e três anos depois começa a trabalhar como funcionário público no *Diário Oficial*.

Casa-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem permanece casado por 35 anos. Carolina Augusta o estimula a continuar escrevendo, e em 1872 publica seu primeiro romance, *Ressureição*.

Um ano mais tarde, Machado de Assis é nomeado a primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e inicia a carreira de burocrata. Entretanto, continuou contribuindo para jornais e revistas, escrevendo contos, crônicas, poesia, e romances, que inicialmente saíam em folhetim para posteriormente serem publicados como livros. Assim aconteceu com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que após oito meses de publicação em folhetim, veio a se tornar livro em 1881, marcando o início do realismo no Brasil.

A ideia de criação da Academia Brasileira de Letras foi iniciada com os intelectuais da *Revista Brasileira*, da qual Machado de Assis fazia parte, e também apoiou a ideia desde o início. Em 1887 a Academia foi instalada, e Machado de Assis foi eleito presidente.

Ao longo de sua vida, Machado de Assis escreveu em diversos gêneros literários, como poesias, teatro, romance, contos, crônica, crítica; bem como diversos movimentos literários, como romantismo, parnasianismo e indianismo. Mas foi no realismo que o autor ganhou o reconhecimento que lhe é atribuído até os dias de hoje, ganhando a característica de maior escritor brasileiro.

### **2.3.1 Repercussões de Machado de Assis**

Conforme visto anteriormente, Machado de Assis foi um autor do século XIX, mas sua contribuição para literatura foi tão reconhecida e relevante que seu nome, bem como suas obras são objetos de estudos até os dias atuais; não só como forma de apresentar o movimento literários na educação fundamental, mas também de maneira a identificar a cultura brasileira, os costumes da época e a geografia do Rio de Janeiro, considerando que todos os seus livros foram ambientados na mesma cidade.

O *site*<sup>3</sup> do autor, por exemplo, criado pela Academia Brasileira de Letras (2011), traz inúmeras contribuições para difusão de informações sobre Machado de Assis. Além das obras digitalizadas, entre romances, contos, poesias e crônicas, traz a indicação de adaptações como histórias em quadrinhos, cinema e televisão etc.; além de produções acadêmicas como teses e monografias.

No intuito de tornar o conhecimento mais acessível, foi criada uma página na rede social *Facebook* intitulada O Rio de Machado de Assis<sup>4</sup>, com informações sobre o autor e curiosidades das suas obras; além de divulgar o projeto de seminários e passeios pela cidade do Rio de Janeiro criados com base nas localidades descritas nas obras, com o objetivo de aproximar o autor do Rio de Janeiro.

Este seminário, intitulado Rio de Machado<sup>5</sup>, trouxe discussões históricas e atuais sobre a sociedade carioca, o contexto político e o espaço físico da cidade<sup>6</sup>. Além disso, no seminário também foi apresentado um aplicativo para celulares, que permite mapear a cidade do Rio de Janeiro conforme as obras de Machado de Assis, interessante para realização de passeios por navegadores.

Na mesma linha de passeios, o projeto Rio de Machado elaborou um roteiro turístico durante os sábados de outubro de 2014 com base nos principais pontos do centro da cidade mostrados em suas obras. Segue abaixo o mapa do roteiro:

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em 14 de outubro de 2014.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/riodemachado>>. Acesso em 14 de outubro de 2014.

<sup>5</sup> Seminário Rio de Machado: Evento acontecido no Museu de Arte do Rio (MAR) nos dias 01 e 02 de outubro de 2014. Disponível em <<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/seminario-rio-de-machado>>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

<sup>6</sup> As contribuições destes seminários serão detalhadas na sessão a seguir.





patrimônio cultural carioca<sup>7</sup>. A seguir serão apresentadas as características que o fizeram o grande autor que é, cujas obras são passíveis releitura ao longo dos anos e de reconhecimento até os dias de hoje.

Achcar [s.d.] apresenta algumas características da literatura machadiana, onde destaca algumas especificidades. A primeira delas se refere a um elemento que o afasta dos demais autores do Realismo apesar de ser um autor do mesmo movimento. Isso acontece na medida em que ao construir um personagem, Machado de Assis não se preocupa demais com causas claras e objetivas que o levem a agir de uma determinada maneira, como era comum entre os demais autores. Machado permite que fique um certo mistério em torno dos personagens, que assim como qualquer ser humano, age muitas vezes por impulso, sem uma explicação plausível para tal.

Outra importante característica encontra-se na escrita de Machado de Assis, que é simples, o vocabulário é fácil marcado por frases curtas. Entretanto, ainda assim o autor é capaz de apresentar um texto extremamente expressivo, e fazer inúmeras referências à famosos autores do Ocidente. Mas essas referências são tão sutis que só podem ser percebidas se o leitor já possui um conhecimento da cultura citada nas obras, caso contrário, a informação é passada despercebida (ACHCAR, [s.d.]).

Em seu texto também há uma grande complexidade em relação ao modo de enxergar o mundo, uma vez que Machado apresenta um fato com visões contrárias, o que gera certa polêmica partir dos dilemas gerados. Em relação aos personagens essa complexidade também pode ser percebida, já que os personagens são analisados de fora para dentro, ou seja, “[...] (Machado de Assis) vai descascando as pessoas, aparência atrás de aparência” (ACHCAR, [s.d.], p.10).

Achcar [s.d.] apresenta também que é a utilização da ironia que o tornou um grande crítico da sociedade, dos comportamentos humanos e dos costumes. Isso porque Machado era um mestre em introduzir a ironia em seus textos, que embora possa gerar certo humor, tem o objetivo de servir como base para crítica apresentada de maneira sutil, porém firme e decidida.

---

<sup>7</sup> A obra de Machado de Assis foi declarada patrimônio cultural carioca pela Prefeitura do Rio de Janeiro. O decreto foi publicado no Diário Oficial. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL778511-5606,00-OBRA+DE+MACHADO+DE+ASSIS+E+DECLARADA+PATRIMONIO+CULTURAL+CARIOCA.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2014.

Outras importantes contribuições críticas da literatura de Machado de Assis foram apresentadas durante um seminário intitulado Rio de Machado, pelos palestrantes Ana Lúcia Machado de Oliveira<sup>8</sup>, Walnice Nogueira Galvão<sup>9</sup>, Alberto Mussa<sup>10</sup>, José Miguel Wisnik<sup>11</sup>, Maria Cristina Franco Ferraz<sup>12</sup>.

Segundo Oliveira (2014), há uma contradição nas obras de Machado de Assis em relação à escravidão, uma vez que ele era negro e crítico social, mas pouco falava em suas obras sobre escravos e o movimento abolicionista. Suas obras estavam focavam na elite carioca, portanto, há uma certa omissão por parte do autor e isso sugere um processo de “branqueamento”, que parte do princípio de texto para agradar a elite. Segundo Galvão (2014), também palestrante do Seminário Rio de Machado, as críticas presentes nas obras se referem basicamente à modernização do Rio de Janeiro, esquecendo os fatores sociais.

Entretanto, Oliveira (2014) sugere que em uma análise mais profunda, percebe-se a crítica sutil e discreta que é feita à escravidão, principalmente em contos. Em Mariana (ASSIS, 1871), por exemplo, uma família branca da elite acolhe e cuida de uma escrava como se fosse sua filha. Mas o gesto dessa família nada mais é do que um gesto de piedade, que os tornam mocinhos da sociedade porque tratavam bem a escrava. Em outras palavras, não passava de uma encenação que era conveniente aos senhores, uma vez que apesar da escrava aparentemente ser tratada como membro da família, havia fatores implícitos que a diferenciava do restante da família.

Chamava-se Mariana [...] e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre (ASSIS, 1871, [s.p.]).

Nesse trecho, segundo Oliveira (2014), evidencia-se a exclusão que se camufla, porém, ao longo da leitura do conto, torna-se clara; assim como no momento da morte de Mariana, que apesar de ser membro da família, é tida como

---

<sup>8</sup> Graduada em Letras, mestre em Literatura Brasileira, doutora em Literatura Comparada e professora associada de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Professora emérita de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. Tem 37 livros publicados e escreve em jornais e revistas.

<sup>10</sup> Escritor. Formado em Letras pela UFRJ, mestrado cuja dissertação conta com 26 edições estrangeiras.

<sup>11</sup> Ensaísta e compositor premiado, é livre docente em Literatura Brasileira pela USP. Publicou livros e fez música para dança, cinema e teatro.

<sup>12</sup> Professora da UFRJ, doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris e pós-doutorados no instituto Max-Planck de História da Ciência e no Centro de pesquisa em Literatura e Cultura de Berlim.

irrelevante, e poucos minutos depois da sua morte os personagens voltam as suas vidas normais, esquecendo-se da escrava que um dia fez parte da família.

Em outro conto, Pai contra mãe (ASSIS, [s. d.]), o personagem Cândido Neves entrega uma escrava fugitiva ao seu senhor, em troca de dinheiro. A escrava, grávida, aborta entre gritos pedindo para que eles a deixem ir embora, mas em nenhum momento Cândido reconsidera; ele apenas recebe o dinheiro e vai embora. O conto termina com seguinte trecho: “- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (ASSIS, [s.d.], [s.p.]).

O uso da ironia é facilmente percebido neste trecho, uma vez que segundo Oliveira (2014), o direito à vida é dado somente aqueles que são livres, então em nenhum momento Cândido se arrepende ou reflete sobre sua conduta.

Para palestrante, portanto, Machado denuncia a escravidão desnudando-a, no que se condiz à uma denúncia indireta. A crítica não se refere essencialmente à escravidão, mas sim à sociedade que acolhia a escravatura. Machado utiliza do seu recurso de dualidade para apresentar uma outra perspectiva da escravidão. O drama não é posto em primeiro plano, mas é diluído e camuflado numa aparente simplicidade na expectativa de chamar atenção ao drama psicológico para fazer o leitor refletir.

Em relação ao espaço físico do Rio de Janeiro, segundo Galvão (2014), também palestrante do Seminário Rio de Machado, a cidade estava dividida em espaços nobres (Rua do Ouvidor, por exemplo) e vielas, onde habitavam classes sociais inferiores como costureiras.

Entretanto, as paisagens do Rio de Janeiro são muito raramente descritas, apenas citadas, sem maiores detalhamentos. Em relação a isso a palestrante apresenta uma crítica de Silvio Romero (s.d.) à Machado de Assis, que nunca enxergou as belezas do Rio, apesar de nunca tê-lo deixado. Mas Galvão (2014) observa que Machado não descrevia a natureza porque não era necessário, já que a natureza era descrita nos próprios personagens, como nos famosos “olhos de ressaca” de Capitu, personagem de Dom Casmurro (ASSIS, 1899).

Wisnik (2014) apresenta que, apesar de o espaço não ser descrito, a partir da perspicácia do leitor, é possível entender sim o espaço geográfico. Percebe-se, portanto, que lugares como Botafogo e Tijuca eram exaltados por sua elegância, entretanto, Botafogo é considerado um lugar de emergentes. Por outro lado, Gávea

e Jardim Botânico são lugares para descanso e lua de mel, por serem lugares distantes e aprazíveis.

Para Mussa (2014) o que se busca em Machado não é a descrição da cidade, mas sim da identidade carioca. Machado ironiza e debocha de ideias políticas, sem tomar partido, mas induzindo o leitor a tomar partido em defesa do personagem. Para Wisnik (2014), Machado tinha olhar crítico sobre o deslumbramento do olhar estrangeiro sobre o Rio.

Ainda segundo o palestrante, a identidade do “malandro carioca” surge com Machado de Assis. Isso porque no início do século XX o governo proibia tudo o que fugisse dos costumes europeus, como manifestações culturais como a capoeira. Atrelado a isso, a abolição não conseguiu inserir os escravos na sociedade, então eles, agora livres, tinham que dar o próprio jeito para sobreviver e se inserir na vida social. Por outro lado, Machado de Assis trabalha com temas pesados, mas os destitui, os ironiza, numa espécie de jogo que tenta iludir para "derrubar" o leitor. Mussa (2014) assimila isso à chamada “pernada”, jogo comum na época de Machado, semelhante a uma dança de capoeira onde duas pessoas ficam de frente uma para outra, uma dança enquanto a outra permanece parada, que finaliza com uma rasteira do dançarino para derrubar o adversário. Isso significa que ele introduz a forma de ser carioca em suas obras, diferente de tudo o que já havia sido escrito no Brasil até então.

#### 2.4 O RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX

O Rio de Janeiro do século XXI, conhecido pela beleza de suas paisagens, pela alegria do povo brasileiro e pelas festas como o carnaval, o torna um grande destino turístico. Entretanto, o Rio do século XIX apresenta uma grande diferença em relação ao atual, que devido às dificuldades, demorou em atraía olhares estrangeiros.

Isso porque, segundo Machado (2008), o Rio de Janeiro do século XIX era uma cidade suja, com inúmeros casos de doenças como febre amarela, malária, varíola etc.; e devido à falta de condições de higiene e saúde não era turisticamente atrativa. Além disso, as ruas eram estreitas, mal iluminadas, sujas, cheias de insetos e ratos. As edificações também não apresentavam qualidade em sua construção, visto que eram feitas por profissionais não qualificados, apresentando mal

acabamento, que rapidamente se deterioravam ao longo do tempo. No início do século a cidade era pequena, constituída basicamente de escravos e funcionários da coroa. Devido à limitação da cidade, a população pobre não se dividia espacialmente, mas sim pelas aparências e pelas vestimentas.

Turisticamente, o Rio de Janeiro não costumava ser um destino atrativo. As motivações de deslocamento se referiam basicamente à visita à familiares. As viagens com motivações os conceitos turísticos ao qual conhecemos começou a se desenvolver na segunda metade do século XIX, quando houve um aumento de interesse por parte de estudiosos e artistas que queriam conhecer a beleza retratada em quadros, apesar do contexto insalubre a cidade (MACHADO, 2008).

Diante desses fatos, percebe-se que o Rio era uma cidade com fortes contrastes entre a elite carioca e a população pobre que vivia em cortiços com péssimas condições de vida, além da escravidão, que só seria abolida em 1888. Atrelado a isso, devido ao processo de modernização pelo qual passava o Rio de Janeiro, a cidade passava por um grande período de transição e de transformações.

Esse processo de modernização, segundo Machado (2008), contou com inspiração das cidades europeias, principalmente Paris, que já no século XIX era considerada a cidade mais bonita do mundo. Entretanto, o processo de “europeização” no Rio começa timidamente no século XVIII com a construção do Passeio Público – primeiro da América, e considerado o primeiro movimento de modernização e embelezamento da cidade.

É somente um pouco mais tarde, na segunda metade do século XIX, que o botânico francês Auguste François é convocado para o processo de construção de jardins idênticos aos europeus no Rio de Janeiro.

O processo de modernização também permitiu, em 1840, aumento da escala de ônibus, naquela época, era um veículo de dois andares movido por animais, possibilitando maior transição das pessoas pela cidade. Em 1858, foi inaugurado o trecho da Estrada de Ferro de Dom Pedro II, que hoje é a Central do Brasil, que possibilitou a ocupação de áreas como Engenho Velho, Irajá etc. Anos mais tarde, o desenvolvimento dos carris urbanos (ou bondes), permitiram maior expansão urbana na cidade, isso porque devido seu funcionamento sobre trilho, permitia maior rapidez no transporte, além de serem mais rápidos e acolherem mais pessoas (MACHADO, 2008).

Em 1870, os trens permitiram maior acesso e integração entre lugares inacessíveis, como Catumbi, Rio Comprido etc. No ano seguinte, nasce a Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico, cujo principal interesse era ligar a cidade com a zona Sul do Rio. Botafogo começa então a ser o bairro mais procurado pela elite. A expansão de linhas de bonde permitiram também o acesso à Copacabana, em 1890, pois os acessos existentes eram difíceis e poucas pessoas se arriscavam a passar por ele. No mesmo ano, a Companhia do Jardim Botânico iniciou a abertura do túnel, e dois anos mais tarde inaugurava a primeira linha de bondes elétricos, que ligava o Centro ao Largo do Machado<sup>13</sup> – considerado o início da extinção de uso de animais em meios de transportes, e um passo a mais para a modernização (MACHADO, 2008).

Em relação à infraestrutura, o autor também ressalta que a cidade sofria com inúmeros problemas referentes à habitação, ao saneamento e fornecimento de água. É somente com o investimento do capital financeiro que esses problemas começam a ser solucionados. Por exemplo, é somente em 1854 que as ruas ganham paralelepípedo, sinônimo de luxo na época, e a iluminação chega às ruas. Em 1862, começa o serviço de esgotos sanitários, e três anos mais tarde é autorizada a produção e distribuição de gás, uma importante fonte de energia.

Na segunda metade do século XIX, ocorreram mudanças econômicas do Nordeste para o Sudeste. Isso acontece a partir da decadência de produção de açúcar e algodão devido ao crescimento da concorrência mundial e o fim do tráfico de escravos, que eram as principais mão-de-obra no setor. Com isso, surge uma nova cultura, a de café; que se tornou a principal exportação do país.

Porém, devido ao rápido esgotamento do solo, a cultura migrou para São Paulo, fazendo com que os investimentos do Rio fossem inviáveis, sendo transferido para outros setores como transportes e indústria (participando da Segunda Revolução Industrial no mesmo século). Com isso, o Brasil em geral passava por um momento de crescimento, e a capital do país buscava transformações que revigorassem sua prosperidade. Um exemplo dessa tentativa é a remodelação do Passeio Público em 1861, que era um importante alvo de visita de estrangeiros que chegavam ao Rio de Janeiro, mas se encontrava com grandes problemas de deterioração. Importante ressaltar que essa reforma foi feita por um francês,

---

<sup>13</sup> O largo do Machado é um largo localizado no Catete, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ganhou esse nome no início do século XVIII em referência ao oleiro André Nogueira Machado, proprietário de terras no local.

chamado Glaziou, assim como o Campo de Santana e a Quinta da Boa vista, anos mais tarde. Esse processo proporcionou o embelezamento da cidade, com áreas livres, plantas e flores.

Em 1893, o governo começou o processo de combate às moradias coletivas, uma vez que seu crescimento contínuo preocupava as autoridades, devido à falta de higiene e saneamento, que possibilitava a proliferação de doenças.

Sendo assim, percebe-se que o Rio de Janeiro do século XIX passava por importantes transformações de modernização, mas nota-se também que esse processo começou a ser desenvolvido principalmente na segunda metade do século. Na primeira metade percebe-se uma cidade suja, sem condições básicas de higiene que incluem disponibilidade de saneamento e água para população; bem como as grandes diferenças sociais ao se considerar a elite carioca em relação à mão de obra escrava, que era comumente utilizada.

Portanto, diante das observações analisadas é possível identificar como era a vida no Rio de Janeiro, carregada por contrastes de exuberância e exclusão. Mas diante desse cenário é possível identificar fatores de hospitalidade, que conforme vimos anteriormente, proporcionam as relações humanas? É o que veremos no capítulo a seguir.

### 3 LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS E A HOSPITALIDADE.

*É preciso ter pra ser ou não ser? Eis a questão  
Ter direito ao corpo e ao proceder sem inquisição  
A impostura cega, absurda, imunda... a quem convém?  
Essa hetero-intolerância-branca te faz refém!  
(O Teatro Mágico – Esse mundo não vale o mundo)*

A publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) representou o início do movimento realista no Brasil, escrito por Machado de Assis entre 15 de março a 15 dezembro de 1880 pela Revista Brasileira, tendo sua publicação em formato de livro no ano seguinte. Quincas Borba (1891) é o segundo romance do autor, que como era comum na época, também foi escrito em formato de folhetim para a revista A Estação entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891, sendo pouco alterada para publicação no mesmo ano. (ABL, 2011).

As duas obras apresentam as características de Machado de Assis já conhecidas, como ironia e crítica social. Diante das inúmeras citações de bairros do Rio de Janeiro (mais frequente em Quincas Borba) e da literatura caracterizada pela crítica ao ser humano e de suas ações (mais frequente em Memórias Póstumas de Brás Cubas), elas se mostram como um elemento que pode vir a identificar de que maneira se desenvolviam as relações humanas, como era a percepção de determinados lugares; ou se a sociedade carioca do século XIX estava baseada na inclusão social, cuja exclusão pode gerar hostilidade.

A partir da leitura das obras, portanto, é possível identificar e delinear fatores de hospitalidade que podem ser analisados com base nos conceitos de hospitalidade trazidos principalmente por Camargo (2004), em relação aos princípios da hospitalidade e do ritual que a envolve; por Lashley (2007), diante do conceito da hospitalidade analisado através do domínio social, privado ou comercial; e por Grinover (2007), em relação a hospitalidade na cidade, que envolvem o conceito de legibilidade, identidade e acessibilidade.

Sendo assim, a análise busca identificar se a cidade do Rio de Janeiro do século XIX é hospitaleira, ou seja, a partir de elementos como o conjunto de fatores sociais, econômicos e espaciais que permite aos moradores se sentirem parte de um grupo social em que se identificam, em que interagem e desenvolvem seus relacionamentos, resultando então numa cidade hospitaleira.



### 3. 1. ENREDO E CRÍTICA DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

A história é narrada em primeira pessoa pelo personagem Brás Cubas após sua própria morte, que apresenta sua vida desde a infância até o momento de sua morte (1805 a 1869), sem respeitar uma lógica na ordem cronológica. Por já estar morto, Brás Cubas se sente livre para abusar de ironias e de críticas, pois conforme o personagem:

[...] A franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência [...]. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! (ASSIS, 1881, p. 28).

Esse trecho por si já representa uma sociedade marcada pela tentativa da criação de um conjunto de normas que passaram a reger os comportamentos dos seres humanos para resgatar a hospitalidade perdida no mundo moderno. Mas diante do cenário capitalista, as regras se voltaram para o setor financeiro, e passaram a se designar à modos de se vestir e de comer. É o chamado “movimento civilizador”, analisado por Camargo (2004).

Retomando à história, conhecemos a vida de Brás Cubas: foi uma criança mimada principalmente pelos pais, que lhe davam tudo, uma vez que eram pertencentes à elite carioca. Apaixona-se, na adolescência, por Marcela, uma mulher que nada mais quer do que seu dinheiro, conforme afirma Brás Cubas: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 1881, p. 20), o que revela o interesse financeiro até nas relações afetivas.

Brás Cubas muda-se para Coimbra para estudar, e quando retorna pela morte de sua mãe, o pai começa a lhe encaminhar para casamento com Vigília e para vida política, porque o sucesso em ambos era o espelho da vida ideal naquela época. Não entra para política, e Vigília se casa com outro homem mais poderoso financeiramente. Eles têm um caso amoroso tempos depois, que termina; e Brás Cubas tem a chance de se casar também com Eugênia, mas termina sem ter se casado.

Alguns anos após a morte da mãe, Brás Cubas também perde o pai, assim como os amigos, e Brás Cubas termina sozinho, até que sua morte chega aos 64 anos.

### **3.1.1 Contexto social da hospitalidade em Memórias Póstumas de Brás Cubas.**

Em relação ao ritual da hospitalidade, esta pode ser percebida numa cena em que Brás Cubas havia montado em um jumento para se locomover, mas o animal tem uma reação agressiva e lhe empurra para o chão. O almocreve<sup>14</sup> rapidamente lhe ajudou, salvando sua vida. Brás Cuba fica inteiramente agradecido, e de imediato pensa em lhe dar três moedas de ouro. Mas enquanto o almocreve tomava as rédeas do animal, a consciência de Brás Cubas foi voltando, e ele decide por lhe dar duas moedas, já que três era uma “excessiva gratificação”.

Entretanto, pensa mais um pouco e lhe dá uma moeda de prata, mas acaba se arrependendo, porque deveria ter dado uma de cobre. Brás Cubas se justifica da seguinte forma:

Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstâncias de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre [...] e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. (ASSIS, 1881, p. 26).

Dessa forma, o personagem não reconhece a importância do ritual da hospitalidade, onde a dádiva, que neste caso é o ato heroico do almocreve, não é algo divino, mas sim uma obrigação, que não deve ser retribuída. Pois mesmo dando a moeda de cobre, Brás Cubas se arrepende depois.

Essa relação também pode ser entendida no contexto da escravidão a partir do momento em que Brás Cubas pertence à elite, e por isso, era superior ao almocreve, cuja utilidade era unicamente lhe servir. Nesse sentido, portanto, a hospitalidade não existe, uma vez que teve seu vínculo quebrado pela má conduta de Brás Cubas.

Aliás, a consequência do não cumprimento da hospitalidade é observado em outra cena, envolvendo a relação de Brás Cubas com seu escravo, Prudêncio. Desde a infância até a fase adulta, o mimado Brás Cubas não se importava com suas atitudes e agredia aos escravos, como na vez em que quebrara a cabeça de

<sup>14</sup> Almocreves: Pessoas que conduziam os animais de carga.

uma escrava por lhe negar uma colher de doce, ou quando atirara um copo em outra escrava. Em relação ao Prudêncio, a violência praticada é destacada a seguir:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, -- algumas vezes gemendo, -- mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um --"ai, nhonhô!" -- ao que eu retorquia: --"Cala a boca, besta!" (ASSIS, 1881, p. 12).

Apesar das agressões sofridas e de ter conquistado a liberdade, décadas depois, Prudêncio compra um escravo e lhe aplica os mesmos castigos sofridos na época, revelando que o fato de não ter sido acolhido na infância refletiu na hostilidade na idade adulta. Pode-se dizer que a raiva contida em Prudêncio vinha de seu agressor, mas como não podia se vingar do poderoso antigo dono devido à devoção que ele depositava em Brás Cubas, diante do reconhecimento de sua inferioridade ao dono, acaba por descontar em outra pessoa, mais frágil que ele.

Com as mudanças na percepção da hospitalidade no século XIX através do capitalismo e da cultura de consumo, o ter e o ser se confundem, e assim, a pessoa não é mais nobre por ser hospitaleiro, mas sim por possuir dinheiro, o que resulta numa grande exclusão social (CAMARGO, 2004).

A valorização do ter pode ser percebida numa fala do pai de Brás Cubas para o filho, conforme o seguinte trecho:

- Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil [...]. Não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. [...]. Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios... (ASSIS, 1881, p. 32).

A fala indica que não importa quem Brás Cubas seja, ele precisa ter uma profissão, entrar para política como é indicado depois, ou seja, precisa se fazer visto através do sucesso. Caso contrário é excluído do grupo social da elite, em que somente os homens de reconhecimento poderiam fazer parte.

No contexto das diferenças de classe social, a exclusão também é identificada no decorrer a leitura. Em certo momento, Brás Cubas se encanta por Eugênia, mas não deixa de fazer observações que revelem sua superioridade em relação à moça. Gostava da situação financeira inferior dela, da ideia dela ser fruto de uma relação extraconjugal, porque se sentia superior, assim como o fato da moça

ter um problema na perna que a fazia mancar discretamente. Sabe-se que eram esses fatores que o mantinham perto dela porque quando Eugênia deixa de ser submissa a ele e dá um passo para igualdade, Brás Cubas se revolta e termina o relacionamento com a moça. Roberto Schwarz (2001) faz uma análise desse relacionamento entre Eugênia e Brás Cubas, que demonstra a relação entre a classe dominante e a classe inferior, onde Eugênia depende da simpatia e do amor de Brás para ser uma dama na sociedade, caso contrário, como de fato acontece, ela termina pedindo esmola na rua. Sendo assim:

O seu acesso aos bens da civilização [...] se efetiva somente através da benevolência eventual e discricionária de indivíduos da classe abonada. Assim, se não alcançam alguma espécie de proteção, os homens pobres vivem ao deus-dará. (SCHWARZ, 2001, p.88).

Dessa forma, é a compaixão da classe dominante que pode incluir Eugênia na sociedade, e que pode permitir que ela tenha acesso aos bens da civilização. Para Schwarz (2001), a personagem, que é a mais estimável do livro através de sua firmeza moral, representa a parte da população brasileira cujas melhores qualidades serão mutiladas e desperdiçadas, o que é uma tendência histórica.

Após o término do relacionamento, Brás Cubas reflete: “Tu, minha Eugênia, [...] o que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século” (ASSIS, 1881, p. 38). Sendo assim, em um mundo em que se vale pelo que se tem, uma pessoa pobre e com uma pequena deficiência não tem nada a oferecer, portanto é irrelevante para a sociedade.

### **3.1.2 Contexto público da hospitalidade em Memórias Póstumas de Brás Cubas.**

Como a história se passa no Rio de Janeiro, e alguns lugares são citados como Catumbi, Cajueiros, Botafogo, Flamengo, Catete, Gamboa, São Cristóvão, Tijuca, Morro do Livramento, Morro da Conceição e algumas ruas como Rua do Ouvidor, Rua dos Ovíres, Rua do Piolho<sup>15</sup> e Rua dos Barbonos<sup>16</sup>. Apesar do

---

<sup>15</sup> Rua do Piolho: Atual Rua da Carioca.

número considerável de citações à lugares na obra, eles não são descritos, mas ainda assim é possível trilhar as características dessas localidades através das atividades desenvolvidas nesses ambientes.

Quanto à legibilidade, portanto, percebe-se que os bairros da Zona Sul são frequentados por Brás Cubas quando ele é jovem e rico, como quando o personagem comenta ter ido a um baile no Catete. Eram os lugares frequentados pela classe média e pela elite, com eventos para o entretenimento. Brás Cubas não faz nenhuma referência as belezas naturais do Rio de Janeiro, no sentido de exaltar a geologia, a flora e a fauna exuberantes.

Por outro lado, bairros mais afastados do centro em direção oposta à zona Sul como Catumbi e Cajueiros eram habitados pelos mais pobres. Por exemplo, Catumbi foi onde Brás Cubas morreu após uma vida de fracassos, e Cajueiros era onde morava Marcela, a primeira namorada do rapaz.

Em relação à identidade, percebe-se uma sociedade rica que contrasta com a mão de obra escrava utilizada nos lares, cercada de muita violência. Os homens, mesmo ricos, tinham que fazer parte da política para serem incluídos nos grupos sociais, numa sociedade em que o ter é muito mais importante do que o ser. As mulheres também deveriam seguir os padrões de dona de casa, caso contrário, não eram aceitas na sociedade. O trecho abaixo refere-se ao momento em que Brás Cubas encontra Marcela depois de muitos anos da separação de ambos:

[Marcela] Vendera tudo, quase tudo; um homem, que a amara outrora, e lhe morreu nos braços. Deixara-lhe aquela loja de ourivesaria, mas para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja- talvez pela singularidade de a dirigir uma mulher. (ASSIS, 1881, p. 39).

Portanto, a sociedade era egoísta e não se sensibilizava com as diferenças, que são nítidas no decorrer da leitura em relação a vários contextos, seja de moradia ou no acesso à civilização e aos bens de consumo.

Em relação à acessibilidade no aspecto tangível, o sistema de transporte contava com animais para levar cargas, acompanhados pelos almocreves, carroças, para classe média, e carruagem e seges<sup>17</sup> destinados aos mais ricos. Não há citações de como os mais pobres se locomoviam, mas dá a entender que nenhum desses meios de transporte atendiam às suas necessidades, visto que as citações

---

<sup>16</sup> Rua dos Barbonos: Atual Evaristo da Veiga.

<sup>17</sup> Carruagem antiga e de luxo, com duas rodas, único assento, puxada por dois cavalos.

eram poucas, demonstrando a carência no setor, o que indica que somente os mais ricos tinham acesso.

O acesso a cidadania somente é dado às classes médias e às elites, e há citações de lazer. O trabalho, que deve ser ofertado a todos, ainda faz uso da mão de obra escrava, e desse modo o trabalho não se torna um elemento que leva a pessoa à cidadania, é justamente o que tira, porque se perde a liberdade por ele.

Quanto à intangibilidade, somente os ricos tem acesso à educação e à cultura, uma vez que as escolas e universidades eram raríssimas no Brasil, e o conhecimento se dá a partir do momento que o indivíduo viaja para algum país da Europa. É por isso que Brás Cubas vai morar em Coimbra para estudar. As classes mais pobres, por outro lado, mal tinham dinheiro para se alimentar e se vestir, e muito menos como viajar para obter conhecimento.

### 3.2 ENREDO E CRÍTICA DE QUINCAS BORBA

A obra se passa a partir do ano de 1867 e se desenvolve em torno da vida de Rubião, um ex-professor que se torna enfermeiro e discípulo de Quincas Borba. Este último, filósofo, morre e deixa toda sua herança para o amigo, com a única condição de que cuidasse de seu cachorro também chamado Quincas Borba.

Rubião, que morava em Minas Gerais, parte então para o Rio de Janeiro em 1870, numa busca por *status* que o dinheiro lhe apresentou. Isso porque o Rio de Janeiro neste período encontrava-se no Segundo Reinado, era a Capital do Brasil e, portanto, o lugar onde se encontravam as elites.

No caminho em direção ao Rio, especificamente no trem, Rubião conhece Sofia e seu marido Cristiano Palha. Os três se tornam grandes amigos, e com o passar do tempo e a proximidade, Rubião se vê apaixonado por Sofia. Durante uma festa ele se declara para moça, mas Sofia, que aparentava interesse no rapaz, surpreende quando o afasta e dedura a situação ao marido. No entanto, como Palha devia-lhe muito dinheiro, sugere que o casal esqueça a situação e o mantenha perto para que não perdesse sua fonte de investimentos.

Rubião evita frequentar a casa do casal, mas não se afasta de vez, e está sempre por perto. Tem algumas oportunidades de se casar e entrar para a política, mas assim como seu sonho de ter Sofia, acaba por não dar certo. Sua estabilidade econômica começa a dar sinais de crise, e Palha desfaz a sociedade que os dois

tinham para se dedicar ao seu próprio negócio, com o dinheiro obtido dos investimentos de Rubião. Desta vez, é o casal quem se afasta do amigo da família – porque já não precisava mais do auxílio financeiro. Sem sucesso na política, nos negócios, e principalmente por saber que jamais teria o amor de Sofia, Rubião começa a ter alucinações, crendo que é o próprio Napoleão e que faria de Sofia sua duquesa. Morre pouco tempo depois em sua terra natal, em Minas, acompanhado pelo cachorro Quincas Borba, que dá seu último suspiro um dia após a morte do seu dono.

Os fracassos na vida de Rubião tem referência direta a um trecho no início do livro:

- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas (ASSIS, 1891, p.5).

Neste sentido, a narrativa parte do pressuposto de que não há felicidade para todos, porque numa análise mais profunda, os seres humanos estão num constante cenário de guerra em que precisam lutar para sobreviver, e que a felicidade de um necessariamente implica no fracasso do outro, como acontece no decorrer a história. Palha e Sofia, que iniciam o livro numa situação econômica inferior a Rubião, invertem a situação quando os negócios de Palha e Rubião começam a se fortalecer e Palha vê uma chance de obter todo o lucro sem dividir com o amigo, que por sinal, era seu investidor.

Essa atitude, portanto, já se mostra contra os princípios da hospitalidade, uma vez que as relações humanas não são desenvolvidas com base na troca ou na dádiva – Isto é, sem interesse explícito, apenas com o objetivo de agradar ao outro – , mas sim com importância de obtenção de retorno, seja financeiro ou sucesso.

### 3.2.1 Contexto social da hospitalidade em Quincas Borba.

Em relação ao significado ancestral da hospitalidade (CAMARGO, 2004), envolvendo recepção, acolhimento, hospedagem e entretenimento, Quincas Borba traz situações em que a hospitalidade pode ser observada, como será visto a seguir.

Quando Rubião parte de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e no caminho conhece Palha e Sofia, o casal imediatamente trata de incluí-lo em seu ciclo de amizade, e logo no primeiro dia o convida para um almoço em sua casa. Conforme visto anteriormente, os alimentos têm suma importância no ritual da hospitalidade, uma vez que é uma forma de proteger os viajantes e criar confiança entre o hóspede e o anfitrião (LASHLEY, 2007).

Entretanto, apesar de não estar claro no livro, essa aproximação pode ter relação com o interesse que Palha tem no dinheiro de Rubião, uma vez que logo no trem ele lhe confessa que ganhara uma fortuna. Palha é um personagem complexo, um tanto egoísta e fissurado nos negócios ao ponto desfazer o negócio com Rubião tempos depois para ganhar o lucro sozinho, mas também é humano, e ajuda ao amigo quando este perde a razão e fica sem dinheiro, a troco de nada. Assim, não se pode afirmar que esse gesto representou um ato da hospitalidade mais pura ou se fazia parte do seu objetivo de tirar vantagem do dinheiro do amigo.

Retomando a questão da oferta de almoço na casa de Rubião, a importância dos rituais da alimentação é dada também em outros momentos, como durante um jantar na casa de Sofia e Palha, em que Dona Tônica se desculpa por não poder ficar até o final e sendo assim, não participando do ritual: “O chá estava na mesa, é verdade; mas não podia esperar mais, tinha dor de cabeça” (ASSIS, 1891, p. 29).

Em outro momento, depois do jantar, Sofia e Rubião estão conversando do lado de fora, mas Sofia interrompe dizendo que precisa fazer “sala à visita”, no que se refere ao entreter doméstico (CAMARGO, 2004). Sua importância se dá em relação à propensão de hospitalidade, pois diante de eventos como festas, os anfitriões promovem um ambiente propício à conversa, às trocas, que vem a possibilitar o desenvolvimento das relações humanas.

A importância da hospitalidade é dada em outro trecho, quando Rubião fala de sua mãe:

[Minha mãe] deve estar no céu, confirmou Rubião. Era uma santa senhora! [...] Que dona de casa! Hóspedes, para ela, tanto fazia cinco como cinquenta, era a mesma cousa, cuidava de tudo a tempo e a hora, e criou



fama. Os escravos davam-lhe o nome de Sinhá Mãe, porque era realmente, mãe para todos. Deve estar no céu! (ASSIS, 1891, p. 116).

Ser hospitaleiro, isto é, acolher bem aos hóspedes, é então visto como algo supremo, e envolvendo a religião, como algo sagrado, que leva o anfitrião para o céu.

O ciclo dar-receber-retribuir do ritual da hospitalidade (CAMARGO, 2004), também está presente em diversas situações. Em dado momento, Rubião está andando pela rua e se depara com uma criança que está prestes a ser atropelada, e ele não pensa duas vezes antes de se atirar para salvar o menino. Consegue salvá-lo, e a mãe do menino procura uma forma de lhe retribuir:

Com efeito, a mão do nosso amigo tinha sangue, um ferimento na palma, cousa pequena; só agora começava a senti-lo. A mãe do pequeno correu a buscar uma bacia e uma toalha, apesar de dizer o Rubião que não era nada, que não valia a pena. Veio a água; enquanto ele lavava a mão, o colchoeiro correu à farmácia próxima, e trouxe um pouco de arnica. Rubião curou-se, atou o lenço na mão; a mulher do colchoeiro escovou-lhe o chapéu; e, quando ele saiu, um e outro agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho. (ASSIS, 1891, p. 46).

Com isso, embora a dádiva tenha sido dada sem a preocupação de algo em troca, a mãe do menino não só aceita a dádiva quanto se sente na obrigação de retribuí-la, o que não significa estar relacionado a algo material. A mãe o faz cuidando do ferimento da mão de Rubião, e escovou seu chapéu além de agradecer-lhe imensamente, estabelecendo o ritual da hospitalidade.

Em outro momento o ritual também acontece, quando Rubião começa a ter alucinações e as pessoas dizem a Palha, seu amigo mais próximo, para interná-lo. Conforme visto anteriormente, Palha sempre foi um tanto interesseiro, e a princípio recusou-se a tratar o amigo, inconscientemente porque não ganharia nada em troca com aquilo. Mas o ritual da hospitalidade fala mais alto, e Palha se sente na obrigação de cuidar de Rubião. Então ele alugou uma casa para Rubião e seu cachorro, próximo ao mar – um gesto de hospitalidade sem procura por algo em troca.

Com as mudanças do mundo e a conseqüente distorção do significado a hospitalidade, em que começa ganhar sentido financeiro, o ciclo dar-receber-retribuir também sofre alterações, e no contexto comercial, como em hotéis ou mesmo restaurantes, a dádiva pode ser retribuída em forma de gorjeta – um agradecimento pelo bom atendimento. Em certo momento, Rubião contrata o serviço de barbeiro

para deixar-lhe com a barba de Napoleão. Gostando do resultado, ele paga e deixa gorjeta para o homem, retribuindo o gesto de hospitalidade.

Ainda nesse caso, que o serviço envolve dinheiro, a dádiva é oferecida de boa vontade, diferentemente da situação a seguir.

Antes das alucinações, Rubião se apaixona por Sofia e se declara para ela. Porém o amor não é correspondido e Sofia conta ao marido, esperando dele uma atitude, mas se surpreende com a tranquilidade de Palha que diz a ela para esquecer. Ele se justifica dizendo que Rubião é amigo da família e lhe deve obrigações, o que pode ser analisado no contexto da hospitalidade, uma vez que o fato de Rubião ter sido seu hóspede lhe dá a obrigação de protegê-lo (LASHLEY, 2007). Esta impressão é desfeita quando Palha confessa que deve dinheiro a Rubião e que pretende tomar mais empréstimos, ele sugere a Sofia que não o afaste, numa forma de usá-la para arrancar mais dinheiro de Rubião.

Essa é uma atitude justificada pela mudança na percepção de hospitalidade que surge a partir do século XIX com o capitalismo e cultura de consumo, conforme Camargo (2004). Nesse contexto, o ter e o ser se confundem, e a pessoa não é mais nobre por ser hospitaleiro, e sim por possuir dinheiro, o que resulta numa grande exclusão social (CAMARGO, 2004).

Assim como em Memórias Póstumas, em Quincas Borba não acontece diferente. O que predomina é a mistura do ter e do ser, e valorizado é o cidadão de classes mais abastadas (classe média alta) que possui bens de consumo e ao saber, como no trecho a seguir:

[O casamento] é bom negócio, sabe? Ele está de posse de todos os bens do pai e da mãe. Maria Benedita não tem nada, em dinheiro; mas tem a educação que lhe dei. Há de lembrar-se que, quando veio para minha companhia, era um bicho-do-mato; não sabia quase nada; fui eu que a eduquei. (ASSIS, 1891, p. 89-90).

Maria Benedita, ao chegar ao Rio de Janeiro, recebeu da prima toda preocupação e apoio para aprender a tocar piano e a falar francês, uma vez que a ausência da cultura da elite carioca não a incluía na sociedade. Não importava que fosse boa moça, precisava se enquadrar no padrão da sociedade. Percebe-se então a valorização pelo ter, que neste sentido se refere à habilidades necessárias à classe média e à elite.

Palha e Sofia também trocam o ser pelo ter conforme a ascensão social dos dois. Palha desfaz os negócios com Rubião para ficar com o lucro sozinho, mesmo

sendo ele seu amigo e investidor. Não honra a amizade nem a hospitalidade, e faz negócios com homens mais ricos, que possuem mais para lhes oferecer. Sofia também muda, conforme a seguir:

Foi assim que a nossa amiga, pouco a pouco, espanou a atmosfera. Cortou as relações antigas, familiares, algumas tão íntimas que dificilmente se poderiam dissolver; mas a arte de receber sem calor, ouvir sem interesse e despedir-se sem pesar, não era das suas menores prendas; e uma por uma, se foram indo as pobres criaturas modestas, sem maneiras, nem vestidos, amizades de pequena monta, de pagodes caseiros, de hábitos singelos e sem elevação. (ASSIS, 1891, p. 107).

Com a ascensão de Sofia, portanto, a acolhida oferecida às suas hóspedes economicamente inferiores a ela se torna fria, desgastada e desnecessária, até que por, fim, cortas as relações.

Rubião costumava a receber os amigos para almoçar com frequência, visto que não gostava de almoçar sozinho. Porém com o declínio financeiro e com a chegada das alucinações, os amigos vão deixando de lhe visitar. Não fica claro que eles o deixam por causa da perda de dinheiro, já que utilizaram como desculpa o fato de ele estar ficando louco, mas um deles admite que Rubião tem longos períodos de consciência. Mas pode-se dizer que é justamente o que acontece. Rubião estava sempre lhes emprestando dinheiro, e quando não tinha mais nada para dar, perdeu também os amigos.

A sociedade carioca capitalista, portanto, onde o dinheiro passa a ser mais importante do que as pessoas são, gera segregação, uma vez que a partir do momento em que as pessoas passam a ser analisadas e qualificadas por suas roupas, pelos modos de se vestir, de falar, pelo seu conhecimento à cultura francesa, não pode fugir da consequência desse ato que é a hostilidade.

Os mais pobres, por exemplo, não tinham direito a fazer parte da vida política; e isso é identificado durante uma fala de Rubião, que confessa nunca ter tido vontade de ser político até ganhar a herança. Em outra ocasião, Rubião encontra com uma senhora muito pobre, e lhe dá um bolo de dinheiro. O gesto parece um ato de acolhimento, mas ele se arrepende instantes depois e acredita ter dado muito dinheiro a ela. Consola-se no seguinte trecho: “Rubião sentiu toda a vantagem de não estar inválido” (ASSIS, 1891, p. 66). É importante destacar que em nenhum momento ele fala da alguma deficiência da senhora, o termo inválido é utilizado por sua condição financeira, como se o destino dela fosse ser pobre, e não havia nada que pudesse fazer para mudar esse quadro. Além disso, é uma diferença a mais que

o afasta da mulher: Ela, além de pobres, tinha defeitos; ele, rico, não possui defeitos e beira à perfeição, principalmente diante do ato de heroísmo ao ajudá-la.

Portanto a hospitalidade em relação aos pobres é fria, é camuflada, muito mais para tirar o peso da consciência do ajudante do que ajudar o beneficiado. Não há tentativa de incluí-lo na sociedade, porque segundo o próprio narrador, a mulher era inválida e não havia motivos para que ela fizesse parte do convívio social.

### 3.2.2 Contexto público da hospitalidade em Quincas Borba.

No contexto do espaço físico da cidade do Rio de Janeiro no século XIX, Quincas Borba traz inúmeras citações de bairros<sup>18</sup>, como Glória, Botafogo, Santa Teresa, Flamengo, Catete, Saúde, Gamboa; espaços públicos como Praça da Constituição, Largo de São Francisco, Praça do Comércio; Praia dos Lázarus, de São Cristóvão<sup>19</sup>, Praia Formosa, do Flamengo, de Botafogo, de Santa Luzia<sup>20</sup> e Praia Vermelha; além de ruas como Rua Municipal, Rua de São José, Rua da Misericórdia, Rua do Senado, Rua do Cano<sup>21</sup>, Rua do Ouvidor, Rua dos Ouvires<sup>22</sup>, Rua das Mangueiras<sup>23</sup>, Rua da Ajuda, Rua dos Arcos, Rua da Alfândega, Rua dos Inválidos, Rua de São Lourenço<sup>24</sup> (todas no Centro); Rua Dois de Dezembro (Flamengo), Rua Marquês de Abrantes (Flamengo), Rua da Saúde (Gamboa), Rua da Harmonia<sup>25</sup> (Gamboa), Rua do Príncipe ou Rua Bela do Príncipe<sup>26</sup> (Catete e Flamengo), Rua de São Cristóvão (São Cristóvão), Rua Bela da Princesa<sup>27</sup> (Catete e Flamengo).

No decorrer da leitura, a presença constante do Rio de Janeiro revela o quanto a cidade é importante para o desenrolar da história e do desenvolvimento dos personagens. Essa relação entre história e espaço está diretamente ligada ao conceito de que a hospitalidade carece de uma ligação a um lugar, ou seja, de uma

<sup>18</sup> A delimitação de bairro é dada somente a partir do século XX.

<sup>19</sup> O mar foi aterrado ao longo do século XIX.

<sup>20</sup> A Praia de Santa Luzia foi aterrada em 1922.

<sup>21</sup> A Rua do Cano é a atual Rua Sete de Setembro.

<sup>22</sup> A Rua dos Ouvires teve seu nome alterado em 1936 para Rua Miguel Couto.

<sup>23</sup> A Rua das Mangueiras é a atual Rua Visconde de Maranguape.

<sup>24</sup> A Rua de São Lourenço é a Rua Visconde da Gávea desde 1917.

<sup>25</sup> A Rua da Harmonia, em 1946, passou a se chamar Rua de Pedro Ernesto.

<sup>26</sup> A Rua do Príncipe ou Rua Bela do Príncipe é a atual Silveira Martins.

<sup>27</sup> A Rua Bela da Princesa é a atual Correia Dutra.

referência afetiva aos espaços onde os indivíduos vivem e partilham suas alegrias e tristezas (BAPTISTA, 2005).

Em relação à legibilidade, antes de Rubião chegar ao Rio de Janeiro e até pouco tempo instalado na cidade, o personagem tem uma visão maravilhada do Rio, que pode ser percebido no trecho abaixo:

De repente, surgiu-lhe [a Rubião] este grave problema - se iria viver no Rio de Janeiro, ou se ficaria em Barbacena. Sentia cócegas de ficar [...]. Mas logo depois, vinha a imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com os seus feitiços, movimentos, teatros em toda a parte, moças bonitas, "vestidas à francesa" (ASSIS, 1891, p.11).

A imagem portanto é de um Rio de Janeiro caracterizado por fatores positivos, que tornavam a cidade atrativa. Essa imagem da cidade se dava então pela presença de teatros, cuja existência significava a presença de uma elite culta; pela agitação da cidade carioca, bem como a aproximação com a França – sinônimo de modernização no período.

Em relação à agitação na cidade, pode ser percebido também em outro trecho quando a prima de Sofia, Maria Benedita, chega ao Rio de Janeiro:

[Maria Benedita] não estava para aquelas folias até tão tarde, disse ela; mas a outra [Sofia] replicou logo que era preciso acostumar-se, a vida do Rio de Janeiro não era a mesma da roça, dormir com as galinhas e acordar com os galos (ASSIS, 1891, p. 60).

Nesta passagem, Sofia, ansiosa por mostrar a cidade à prima, leva Maria Benedita para passear pelos bairros e ruas ricas do Rio, bem como cuida de lhe ensinar a tocar piano e falar francês, tratando de fazer com que a moça deixasse seus hábitos para trás para se tornar uma “carioca”, culta e moderna. Demonstra também a tentativa de fazer com que Maria Benedita se sentisse acolhida e incluída na cidade, o que pode ser entendido como um ato de hospitalidade.

Por outro lado, a partir do mesmo trecho entende-se na fala de Sofia um afastamento do Rio de Janeiro com outros lugares, considerados atrasados, visto que a modernização fazia da cidade um lugar especial. Esse ponto é retomado depois com uma espécie de soberania do Rio de Janeiro como no trecho: “A lua estava então brilhante; a enseada, vista pelas janelas, apresentava aquele aspecto sedutor que nenhum carioca pode crer que exista em outra parte do mundo” (ASSIS, 1891, p. 45).

A Rua do Ouvidor, a mais famosa do Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do XX, chegou a ser apelidada de Rua Vivienne, rua que ditava moda

em Paris, assim como a Rua do Ouvidor ditava moda no Brasil. Era onde se encontrava os vestidos franceses, produtos importados e charutos caros; frequentada por damas da sociedade e rapazes que almejavam entrar para política, pelo fato de existir na rua um grande fluxo de notícias que aconteciam no mundo<sup>28</sup>.

E em Quincas Borba a rua é citada inúmeras vezes, como no trecho abaixo:

No dia seguinte, [...] Sofia meteu-se no carro e saiu a visitas e a passeio para desferrar-se da reclusão. [...] O trato das senhoras que a receberam em suas casas, - e das que achou na Rua do Ouvidor, a agitação externa, as notícias da sociedade, a boa feição de tanta gente fina e amiga, bastaram a espancar-lhe da alma os cuidados da véspera. (ASSIS, 1891, p. 123).

Assim, a imagem da Rua do Ouvidor que temos no livro é retratada como o centro da agitação carioca, da modernidade, das notícias, frequentada pela elite carioca.

Entretanto, apesar do grande entrosamento do Rio de Janeiro com a história e os personagens com a frequente citação de bairros e ruas, os lugares são raramente descritos. Mas isso não impede que seja desenhado na cabeça do leitor um mapa da cidade, com segregação da classe média, do rico e do pobre.

Por exemplo, como hoje, os bairros da Zona Sul são lugares habitados pela elite, e isso é percebido em Quincas Borba com a curva social do casal Palha e Sofia. Antes da chegada de Rubião o casal morava em Santa Teresa, mas devido aos empréstimos de Rubião e a consequente ascensão social de Palha, ele se muda com sua esposa para Flamengo, e depois, para Botafogo. Aliás, Botafogo é entendido como lugar de emergentes, uma vez que além de Palha e Sofia se mudarem para lá a partir do crescimento econômico, é para lá que Rubião vai viver quando chega ao Rio depois de ganhar a fortuna deixada no testamento, já que ele era pobre.

Durante o livro há uma exaltação da elite e dos seus costumes, bem como os lugares que eles costumavam frequentar, mas em certos momentos há referências à lugares mais pobres, em menor destaque, mas que pode fornecer informações em relação à legibilidade.

Entediado, Rubião decide dar um passeio pelas zonas mais pobres como Gamboa, Saúde e Santo Cristo do Rio de Janeiro, como descrito no trecho abaixo:

---

<sup>28</sup> Informações obtidas durante o roteiro turístico Rio de Machado através da Guia de Turismo Bia Tognarelli, descrito anteriormente.

- Praia Formosa, murmurou ele [Rubião]; bem posto nome. Entretanto, a praia ia mudando de aspecto. Dobrava para o Saco do Alferes, vinham as casas edificadas do lado do mar. [...] Foi ainda a pé durante largo tempo; passou o Saco do Alferes, passou a Gamboa, parou diante do cemitério dos ingleses, com os seus velhos sepulcros trepados pelo morro, e afinal chegou à Saúde. Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do reis comidas, gretadas, estripadas, o cais encardido e a vida lá dentro e tudo isso lhe dava uma sensação de nostalgia... Nostalgia do farrapo, da vida escassa, acalcanhada e sem vexame. Mas durou pouco; o feiticeiro que andava nele transformou tudo. Era tão bom não ser pobre! (ASSIS, 1891, p. 67).

Percebe-se, portanto, o contraste das belezas da Zona Sul e da modernidade no centro que são frequentemente exaltadas no livro em relação a parte pobre, com casas apertadas e coladas umas às outras, cujo moradores eram excluídos da sociedade. Em nenhum momento essas pessoas frequentam a famosa Rua do Ouvidor, conforme visto anteriormente, fonte de informações; e tampouco ganham espaço na obra, uma vez que esse trecho representa a única citação direta, que termina com a frase de repulsão “É tão bom não ser pobre!”.

A partir deste contraste, obtém-se a legibilidade do Rio de Janeiro no século XIX, que é a imagem mental que temos de uma cidade. Pode-se afirmar que é um Rio que ignora a pobreza a partir da exaltação da vida da elite carioca, seus costumes e o processo de modernização e aproximação com o costume de vida europeu, principalmente em relação à França.

Em relação à identidade, se hoje há um problema para definição da identidade dos povos e de determinados lugares devido à globalização (FONSECA FILHO, 2010), a partir de Quincas Borba percebe-se que já no século XIX o Rio de Janeiro passava por transformações com base na aproximação ao estrangeiro, fazendo com que certos costumes perdessem espaço no cenário local. No livro, por exemplo, não há nenhuma citação às tradições brasileiras ou cariocas como danças, músicas, comida; mas sim uma grande presença da aproximação dos hábitos franceses – que acabava por refletir a identidade do carioca. Pode ser notado no trecho a seguir:

[Rubião] ocupava-se muito em ler; lia romances, mas só os históricos de Dumas pai<sup>29</sup>, ou os contemporâneos de Feuillet<sup>30</sup> [...] Arriscava-se a algum mais, se lhe achava o principal dos outros, uma sociedade fidalga e régia. Aquelas cenas da corte de França, inventadas pelo maravilhoso Dumas, e os seus nobres espadachins e aventureiros, as condessas e os duques de

---

<sup>29</sup> Romancista francês.

<sup>30</sup> Dramaturgo e escritor francês.

Feuillet, metidos em estufas ricas, todos eles com palavras mui compostas polidas, altivas ou graciosas, faziam-lhe passar o tempo às carreiras (ASSIS, 1891, p. 62).

Percebe-se a França como um espelho para o Brasil, e conseqüentemente, o afastamento ao nacional. Quem não o seguisse não era considerado parte da sociedade, como quanto Maria Benedita chega ao Rio de Janeiro e a prima, Sofia e seu esposo tratam de convencê-la a aprender francês e a tocar piano, mesmo a contragosto da mãe da moça: “Palha é que a persuadiu finalmente; disse-lhe que, por mais supérfluas que lhe parecessem aquelas prendas [tocar piano e falar francês], eram o mínimo dos adornos de uma educação de sala.” (ASSIS, 1891, p. 52). A ausência das citadas “prendas” são apresentadas de maneira tão grave no livro que Sofia chega a pedir aos professores de Maria Benedita que não contassem a ninguém que até aquele momento, a prima nunca tinha aprendido nenhuma das duas coisas.

Assim como no plano da cultura, o Brasil também estava sob influência dos movimentos de liberdade franceses, bem como Rubião, que em vários momentos demonstra descontentamento e repulsa pela Corte. Ele se junta ao político Camacho para tentar entrar para a política, com o objetivo de tirar os conservadores do poder e fazer uma dissolução da Câmara:

Já na academia, [Camacho] escrevera um jornal político [...]. Pessoa que recolheu esses primeiros frutos de Camacho fez um índice dos seus princípios e aspirações - ordem pela liberdade, liberdade pela ordem; - a autoridade não pode abusar da lei, sem esbofetear-se a si própria; [...] Dias antes, indo passar a noite em casa de um conselheiro, viu ali Rubião. Falava-se da chamada dos conservadores ao poder, e da dissolução da Câmara. [...] - Os conservadores não se demoram no poder, disse-lhe finalmente Camacho. (ASSIS, 1891, p.42-43).

Essa passagem representa o crescente descontentamento da população em relação ao governo conservador, bem como os movimentos para tirá-los do poder.

A utilização da mão de obra escrava também faz parte da identidade carioca brasileira em *Quincas Borba*. A classe média, ou seja, Palha e Sofia, Rubião, e outros personagens que representavam a elite fazem uso desse serviço, embora o tema não seja explorado no livro. Há apenas citações, como, por exemplo, quando alguém chama à casa e é um escravo que vai atender, ou quando o escravo serve o chá para a visita. O que demonstra que apesar da busca pelas ideias liberais no governo, ainda faltava muito para que parte da sociedade fosse livre, e pode-se até afirmar um grau de egoísmo como retratado num trecho em que a casa de uma



mulher pobre está pegando fogo e ela chorando, sentada na calçada. Um homem embriagado se aproxima, pergunta se a casa é dela, e após a confirmação, pergunta se pode acender seu charuto ali. “[...] não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias” (ASSIS, 1891, p. 91). Esse trecho reflete o egoísmo da sociedade, que não se sensibiliza pelas desgraças alheias, e do contrário, tenta tirar proveito dela.

As marcas deixadas pela escravidão nos dias de hoje, aliás, têm relação direta com a hotelaria, que surgiu no século XIX junto às outras empresas comerciais como restaurantes. A mão de obra utilizada para vagas como camareira, jardineiro e outros era basicamente escrava (BARRETTO, 2003).

Ainda no que se refere à exclusão social, em certo momento surge um mendigo observando o céu, e logo depois tem uma espécie de diálogo. Segue o trecho abaixo:

O céu fitava-o também, impassível como ele, mas sem as rugas do mendigo, nem os sapatos rotos, nem os andrajos, um cia claro, estrelado, sossegado, olímpico [...] Olhavam-se numa espécie de jogo do siso, com certo ar de majestades rivais e tranqüilas, sem arrogância nem baixaza,  
 - Afinal, não me hás de cair em cima.  
 E o céu  
 - Nem tu me hás de escalar (ASSIS, 1891, p. 32).

Nesse contexto, a grandeza do céu pode ser entendida como a classe dominante, e o mendigo como a classe inferior, que se excluía da sociedade. Nem o céu o alcançaria – porque a elite era grandiosa e importante demais para se igualar ao homem e se aproximar –, assim como o mendigo nunca o alcançaria, porque as classes inferiores não tinham chance para fazer parte da sociedade como um todo.

Em relação à acessibilidade, que para Grinover (2007) não tem nenhuma relação às necessidades especiais que os indivíduos com dificuldade de locomoção possuem, mas sim com o acesso aos bens de consumo (tangíveis) e aos serviços (intangíveis), que permite igualdade aos membros da sociedade, também pode ser identificada em Quincas Borba.

Em relação à tangibilidade, o sistema de transportes contava com trem, utilizado por Rubião quando se muda de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, o que permite mobilização das pessoas. Também havia os tílburis<sup>31</sup>, que Rubião utilizou

<sup>31</sup> Carro de duas rodas e dois acentos puxado por um animal.

para se mover dentro da cidade, fosse para o centro, para Praia Formosa e outros lugares. Pode-se dizer que pela frequência da utilização da tálburi, era esse o meio de transporte mais utilizado para deslocamentos dentro da cidade. Entretanto, em todas as citações quem os utilizava era a classe média, o que pode indicar a deficiência de acesso para as classes mais baixas; fato este que pode explicar a ausência dessas pessoas por áreas mais distantes como os bairros da Zona Sul.

Apesar da exaltação da beleza do Rio de Janeiro, o seguinte trecho aponta um problema social: “A vista [da praia] é bonita, mas nunca pude tolerar o mau cheiro que há aqui” (ASSIS, 1891, p. 21-22). Isso pode revelar a ausência de rede de esgotos, que além do mau cheiro, pode ocasionar a propagação de doenças.

Em Quincas Borba há também uma grande deficiência no acesso às necessidades básicas como liberdade, no caso dos escravos, e moradia no caso de mendigos:

O rumor das vozes e dos veículos acordou um mendigo que dormia nos degraus da igreja. O pobre- diabo sentou-se, viu o que era, depois, tornou a deitar-se, mas acordado, de barriga para o ar, com os olhos fitos no céu. (ASSIS, 1891, p.32).

Essa deficiência é entendida por tangível porque implica em moradias, condições de trabalho, fatores que deem a essas pessoas condições mínimas de sobrevivência.

Em relação à intangibilidade, o acesso à cultura, à informação e ao lazer somente era oferecido à classe média. A cultura, por exemplo, se resumia ao saber francês e ao tocar piano, conforme citado anteriormente, e o conhecimento não se alastrava às demais classes da sociedade: “Sempre fui feliz sem francês, respondia a velha [mãe de Maria Benedita]; e os meia-línguas da roça são a mesma cousa; não vivem pior que os crioulos” (ASSIS, 1891, p. 49).

Dona Maria Augusta, mãe de Maria Benedita, apresentava-se contra o aprendizado da filha, numa espécie de repulsão. Pode ser entendido a partir do momento em que ela sempre morou na roça e nunca teve acesso a esses tipos de conhecimento, e não se identificando com o costume estrangeiro, o repele.

O acesso à informação, conforme dito anteriormente, era dado na Rua do Ouvidor, onde os homens com aspirações políticas se encontravam para se inteirarem e ganharem mais chance de se tornar político. Ou seja, essas aspirações só chegavam até a elite, uma vez que os mais pobres não tinham chance. O próprio

Rubião, quando pobre, não pensava nisso, mas com a herança muda de ideia, como no trecho a seguir:

[Para Rubião] a recompensa era, com certeza, o diploma de deputado. Visão magnífica, ambição, que nunca teve, quando era um pobre-diabo... Ei-la que o toma, que lhe aguça todos os apetites de grandeza e de glória (ASSIS, 1891, p. 45).

O acesso ao lazer, em Quincas Borba, dava-se principalmente pelos teatros que Rubião costumava frequentar, onde tampouco frequentavam os mais pobres. Algumas praças são citadas, mas não relato das atividades realizadas lá.

Diante das análises das duas obras, pode-se então obter uma percepção mais apurada da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, onde os rituais de hospitalidade podem ser observados, mas em sua maioria, com um interesse geralmente financeiro explícito. Somado a isso, os gestos de hospitalidade somente incluem aqueles que fazem parte da mesma classe social, fazendo com que os mais pobres fossem excluídos de certos convívios e do acesso a civilização, provocando uma grande segregação socioespacial.

A sociedade, portanto, não é hospitaleira, porque não é aquela que inclui, e sim a que exclui, pois não permite que todos os cidadãos façam parte do grupo social. Para ser acolhido é necessário uma série de comportamentos, posturas e requisitos que não chegavam aos mais pobres, como falar francês, no caso de Maria Benedita de Quincas Borba. Gesto esse, que aliás, se parece muito com a personagem Eugênia de Memórias Póstumas de Brás Cubas – ambas precisam da compaixão da classe dominante para participar da sociedade. Maria Benedita após ser acolhida consegue um bom casamento, já Eugênia, sem apoio, termina pedindo esmolas na rua.

A cidade também não se mostra diferente. Apesar das belezas exaltadas em Quincas Borba, essa não é uma característica que define a hospitalidade (GRINOVER, 2007). Uma cidade precisa de um conjunto de planejamento do governo para garantir igualdade e oportunidade a todos, o que não acontece, uma vez que em Memórias Póstumas se percebe a utilização da mão de obra escrava; assim como a cidade estava geograficamente dividida entre lugares de pobres e lugares de ricos. Os bairros da Zona Sul, cercados pelas belezas de suas praias, eram onde moravam os ricos, enquanto os pobres viviam em casas apertadas, coladas umas às outras em bairros como Catumbi, por exemplo. Portanto, a cidade também era uma aliada à exclusão, uma vez que as informações, as discussões

políticas e as novidades do mundo chegavam na Rua do Ouvidor, que devido à quantidade de grifes era frequentada pela elite.

Apesar do movimento de modernização pelo qual passava o Rio de Janeiro no século XIX, faltava muito para que fosse uma cidade hospitaleira. Isso se deve ao fato de a sociedade estar tomada pelo mundo capitalista, onde o ter, conforme visto, é mais importante que o ser, o permitindo que a posse de dinheiro se tornasse um instrumento de poder que pudesse excluir quem não lhes fosse interessante, rompendo assim com a possibilidade dos desenvolvimentos dos vínculos humanos, e a perda da hospitalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do presente trabalho mesclou turismo, hospitalidade, cultura e literatura, trazendo uma reflexão da relevância dos estudos a partir da literatura para o entendimento da cultura de um povo, dos costumes, das tradições e do perfil da sociedade. Portanto, a leitura pode fornecer dados importantíssimos para levantamento de dados a serem analisados a partir de um foco, que neste caso, foi a hospitalidade. Trabalhar com Machado de Assis foi uma escolha devido à sua importância no cenário nacional, à importância de suas obras e o quanto sua literatura retratava a sociedade carioca. E num mundo globalizado, onde as tradições estão sendo perdidas pelo enorme fluxo de informações internacionais, este tema ajuda a resgatar a cidade do Rio de Janeiro do século XIX.

Quanto à questão norteadora, que objetivava identificar e analisar fatores que pudessem refletir a hospitalidade carioca em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Quincas Borba*, foi respondida, utilizando como base contribuição dos autores que se dedicam aos estudos da hospitalidade. A leitura do livro permitiu identificar gestos de hospitalidade desde o seu sentido ancestral, do puro acolhimento sem a busca por algo em troca, embora em menor parte. Percebe-se o cuidado do anfitrião em relação ao seu hóspede, à retribuição da dádiva, em alguns momentos identificada com um agradecimento sincero; outras, em forma de gorjeta. A importância do alimento também foi destacada como um fator que vem criar confiança entre o hóspede e o anfitrião.

Entretanto, a sociedade se mostrava muito mais influenciada pelos fatores financeiros, o que fazia da maioria dos gestos de hospitalidade um ato de interesse, além de permitir uma nítida exclusão populacional. Os mais pobres viviam em lugares afastados e casas apertadas e coladas umas às outras, não tinham acesso às novidades da Rua do Ouvidor, à cultura europeia tão importante para o período, à Zona Sul, ou até mesmo à liberdade no caso dos escravos. Em contrapartida, os ricos se espelhavam cada vez mais no modelo de vida europeu, fazendo com que o ter e o ser se confundissem, o que influencia o ritual da hospitalidade. Por não se ser mais nobre por ser hospitaleiro e sim pela posse de recursos financeiros, uma boa parcela da população tornou-se excluída do grupo social, visto que a hospitalidade inclui a troca, a partilha, a recepção e o acolhimento.

Pode-se afirmar, então, que embora os rituais de hospitalidade estejam presentes, a cidade não é hospitaleira, porque os tais gestos de hospitalidade só aconteciam entre pessoas da mesma classe social, que é a elite. Uma cidade hospitaleira deve acolher e oferecer igualdade a todos os membros da sociedade, seja no contexto dos transportes, dos acessos, à cidadania, à liberdade, à oportunidade, o que não é refletido em nenhum dos dois livros.

O primeiro objetivo tinha por finalidade apresentar os conceitos de hospitalidade. Foram trazidos autores com pontos de vista diferentes, mas que na maioria das vezes somavam um aos outros, permitindo um retrato mais fiel da hospitalidade, tanto em seu sentido social quanto em relação ao espaço físico da cidade. A conhecida hospitalidade carioca também teve o histórico do seu desenvolvimento apresentado e analisado.

O segundo objetivo trouxe a apresentação da cultura e sua importância para o turismo e para a hospitalidade. A literatura, um viés da cultura, teve destaque para os posteriores estudos que a uniriam à hospitalidade. Machado de Assis foi apresentado bem como elementos que caracterizam suas obras, com informações aprofundadas de seminários e de críticos literários. A história do Rio de Janeiro no século XIX também foi trazida para situar o contexto da obra de Machado de Assis, para melhor compreensão da análise.

O terceiro objetivo era a identificação de fatores de hospitalidade para análise do perfil hospitaleiro do carioca do século XIX a partir de leitura das duas obras de Machado de Assis. Esse perfil foi delineado – as belezas naturais e à modernização que tornavam a cidade atrativa, o enorme contraste entre as classes sociais, que não inclui todos os cidadãos no mesmo sistema e que por isso não a torna hospitaleira, mas sim hostil; bem como a pequena demonstração de hospitalidade sem envolvimento de dinheiro, à falta de acesso e a exaltação à cultura consumista, que cria uma hospitalidade fútil e exibicionista.

Diante dos fatores expostos, este trabalho alcançou seus objetivos de forma a contribuir para a formação acadêmica, uma vez que a hospitalidade aprendida no decorrer da graduação foi base fundamental para este trabalho, que foi aplicada no contexto literário. Esse trabalho termina aberto à continuções, uma vez que Machado de Assis possui outros livros e inúmeros outros contos, todos ambientados no Rio de Janeiro e com severas críticas à sociedade, o que pode permitir futuras análises da hospitalidade a partir, quem sabe, de outros pontos de vista.



## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Machado de Assis**. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em 14 Out. 2014.

ACHCAR, Francisco. **Introdução**. In Memórias Póstumas de Brás Cubas. 4. Ed. Editora Objetivo, [s.d.].

ASSIS, Joaquim Maria Machado de; **Mariana**. 1871. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO,%20Mariana,%201871.htm>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de; **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 1881. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de; **Pai contra mãe**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de; **Quincas Borba**. 1891. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

BAPTISTA, Isabel. **Lugares de Hospitalidade**; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais**; MATHEUS, Zilda Maria da. **A ideia de uma cidade hospitaleira**. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). Hospitalidade Reflexões e Perspectivas. 1. Ed. São Paulo: Manole, 2002.

BARRETO, Ricardo Gonçalves (org.). **Coleção Ser Protagonista**. 1. Ed. São Paulo: Edições SM, 2010.

BARRETTO, Margarita. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo**. Horiz. antropol. vol. 9 no. 20 Porto Alegre Oct. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832003000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832003000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em 08 Nov.2014.



BBC BRASIL. **Para turistas estrangeiros na Copa, o povo é o que há de melhor no Brasil.** Disponível em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140626\\_wc2014\\_impressoes\\_estrangeiros\\_brasil\\_rm#orb-footer](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140626_wc2014_impressoes_estrangeiros_brasil_rm#orb-footer)>. Acesso em: 15 Out. 2014.

BRASIL. Ministério do Turismo: **Dados e fatos.** Disponível em:

<<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/home.html>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

CAMARGO, Luiz Octávio L. de. **Hospitalidade.** 1. Ed. São Paulo: Aleph, 2004.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade: na perspectiva da gastronomia e a hotelaria.** 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo.** São Paulo: Atlas, 2005.

FARIAS, Wallace Bezerra. **Hospitalidade e Educação em Turismo e Hotelaria: uma perspectiva sobre a atuação profissional e a gestão do Terminal de Cruzeiros do Porto do Rio de Janeiro.** 2013. 128 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

FONSECA FILHO, A. S. **Educación turística: reflexiones para la elaboración de una propuesta con base en la cultura.** *In:* Pasos: Revista de Turismo e Patrimônio cultural. São Paulo: Vol. 8 Nº 1 págs. 61-69. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBO. **Obra de Machado de Assis é declarada patrimônio cultural carioca.**

Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL778511-5606,00-OBRA+DE+MACHADO+DE+ASSIS+E+DECLARADA+PATRIMONIO+CULTURAL+CARIOCA.html>>. Acesso em 18 Out. 2014.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O homem cordial**. 1.ed. São Paulo: Penguin Classics, 2002.

LASHLEY, Conrad. **Para um entendimento teórico**. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

MACHADO, Marcello de Barros Tomé. **A modernização no Rio de Janeiro: Construção de um cenário para o turismo**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 2008.

MUSSA, Alberto. **O carioca Machado de Assis**. Silva, Adriana Carvalho. **Dos arrabaldes de Botafogo a engenho novo: a geografia dos romances machadianos**. In: SEMINÁRIO RIO DE MACHADO. Rio de Janeiro, 2014.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Org.). **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. 2008.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. **Cenas da escravidão no Brasil oitocentista: O olhar enviesado de Machado de Assis**. GALVÃO, Walnice Nogueira. **Roteiros Urbanos: Machado e Lima Barreto**. In: SEMINÁRIO RIO DE MACHADO. Rio de Janeiro, 2014.

REVISTA SUPERINTERESSANTE: **Roteiros literários: projeto une literatura e viagem**. Disponível em < <http://super.abril.com.br/blogs/cultura/roteiros-literarios-projeto-une-literatura-e-viagem/>>. Acesso em 08 Nov. 2014.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos**. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da. (Org.).

**Turismo Cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências:** Bahia, Editus, 2009.

SOUZA, Valmir de. **Cultura e literatura: diálogos.** São Paulo: Ed. do Autor, 2008.

WISNIK, José Miguel. **A música erudita e a popular em Machado:** Ser e parecer.

FERRAZ, Maria Cristina F. **Das alturas transcendentais de Santa Teresa ao mar:** “o espelho” machadiano revisitado. *In:* SEMINÁRIO RIO DE MACHADO. Rio de Janeiro, 2014.